



UNILASALLE



CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE

MARIA CRISTINA VIEIRA CAVALCANTI

**JUVENTUDES, FOTOGRAFIA E PRODUÇÃO DE SENTIDO –
PAUTAS JUVENIS NO CONTEMPORÂNEO**

Canoas

2014

MARIA CRISTINA VIEIRA CAVALCANTI

**JUVENTUDES, FOTOGRAFIA E PRODUÇÃO DE SENTIDO –
PAUTAS JUVENIS NO CONTEMPORÂNEO**

Dissertação de mestrado apresentada à banca examinadora do Curso de Mestrado em Educação, do Centro Universitário La Salle - UNILASALLE, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Doutor Cleber Gibbon Ratto

Canoas

2014

MARIA CRISTINA VIEIRA CAVALCANTI

**JUVENTUDES, FOTOGRAFIA E PRODUÇÃO DE SENTIDO –
PAUTAS JUVENIS NO CONTEMPORÂNEO**

Dissertação de mestrado aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação pelo Centro Universitário La Salle – UNILASALLE.

Aprovado pela banca examinadora em 7 de abril de 2014.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Cleber Gibbon Ratto (Orientador)
UNILASALLE

Prof. Dr. Balduino Antonio Andreola
UNILASALLE

Profa. Dra. Algaídes de Marco Rodrigues
CENTRO UNIVERSITÁRIO METODISTA – IPA

Prof^a Dr.^a Miriam Pires Corrêa de Lacerda
PUCRS

Dedico esta dissertação de Mestrado aos meus amores,
meu marido e meu filho.

Agradecimentos

Aos meus pais, Sérgio e Leonor, por me darem colo em todos os momentos da minha caminhada. Obrigada por estarem presentes na minha vida.

Ao meu marido, Sérgio, que representa minha segurança em todos os aspectos, meu companheiro incondicional, o abraço espontâneo e tão necessário, especialmente em tempos de mudança da minha vida profissional. Obrigada por me fazer sentir tão amada, também nos momentos mais difíceis da nossa vida.

Ao meu filho, Sérgio, que representa um pedacinho do meu amor com seu pai, que sempre esteve ao meu lado, perguntando por que eu precisa estudar tanto, que brincava de carrinho ao redor da mesa onde trabalhava, fazendo os barulhos do Camaro e dos outros carros velozes. Te amo meu gurizinho!

À Vanilse, esposa do meu pai, que mesmo distante, sempre esteve disposta a me ouvir e me apoiar em todas minhas decisões. Valeu Tia!

À Edit, minha sogra, minha mãe, por todo o apoio e zelo com os meus meninos nos momentos em que não pude estar presente. Obrigada por todo o carinho e dedicação.

Aos meus irmãos Sérgio e Cecília, por me ouvirem e sempre perguntarem se precisava de algo. Muito obrigada!

Aos meus cunhados e cunhadas, sobrinhos e sobrinhas da família Picoloto e agregados, pelos almoços, risadas, tele-buscas, digitação de citações. Valeu parentes!

Às minhas manas do coração, Carla, Denise Severo, Denise Barreto, Juliana, Letícia, por todo o apoio, carinho, ajuda, livros emprestados. Obrigada amigas de coração!

À minha amiga e colega Eunice pela correção ortográfica e carinho na caminhada. Obrigada poderosa professora Eunice!

Ao meu professor e orientador deste trabalho, Dr. Cleber Gibbon Ratto, pelo apoio, pela dedicação e principalmente pela paciência e estímulo constantes. Obrigada meu “profe”!

À professora Dra. Miriam Lacerda por ter aceito o convite e ter realizado excelentes contribuições para a realização de minha dissertação. Obrigada professora Miriam!

Ao professor Dr. Balduino Andreola, nosso “Baldô”, por toda a contribuição e diálogo constante dentro e fora da sala de aula. Obrigada por ter acompanhado sempre minha caminhada no mestrado desde a minha aprovação de ingresso até a defesa da dissertação. Obrigada Baldô!

Muito obrigada nunca será suficiente para demonstrar a grandeza do que recebi. Peço a Deus que continue sempre a abençoar cada um de vocês!

“O que importa não é nem a partida nem a chegada; é a travessia.”

Guimarães Rosa

RESUMO

O presente estudo está inserido na linha de pesquisa Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação. Esta dissertação tem como objetivo analisar como são construídas as pautas juvenis no mundo imagético de jovens que tem a fotografia como um recurso tecnológico, considerando o contexto cultural contemporâneo em que estão inseridos. A pesquisa teve como foco de análise os alunos e as alunas de uma escola do município de Canoas. O referencial teórico inclui autores e autoras que analisam e discutem as questões relacionadas à fotografia, juventudes, educação e tecnologia na contemporaneidade. O primeiro capítulo intitulado “Percorrer e demarcar um problema: juventudes e cultura da imagem”, descreve o percurso da pesquisa e a construção do problema de investigação. O segundo capítulo, “Um mergulho nas juventudes” está organizado em seções que se entrelaçam e constituem a fundamentação necessária para as questões que norteiam este estudo: Juventudes e novas sociabilidades, Educação e mundo contemporâneo e Fotografia e produção de sentido. E o terceiro, “Pautas juvenis: as imagens na roda de conversa”, apresenta as análises desenvolvidas a partir das dez imagens que serviram de mote à problematização da condição juvenil em questão. Como metodologia de estudo, foram realizadas quatro rodas de conversa, com alunos e alunas de uma escola da rede municipal de ensino de Canoas/RS, sendo o grupo composto por doze jovens subdivididos em quatro grupos. As análises se deram por meio da aproximação aos recursos da semiótica. Como culminância destes encontros foram selecionadas dez imagens, escolhidas pelos estudantes, as quais compuseram o corpus de análise desta dissertação, tendo como base o diálogo com os jovens e a caracterização das pautas juvenis que dele emergiram. Dentro deste processo de análise foi possível construir a dissertação e evidenciar as pautas juvenis, seus processos de construção e suas implicações no âmbito da cultura contemporânea. Mergulhar no mundo das juventudes, imergir e submergir, observar, dialogar e reconhecer novos sentidos foi o grande desafio deste trabalho, para falar “com” os jovens a respeito de seus mundos, seus interesses e perspectivas, e não “sobre” eles. Diante destas questões foi possível problematizar a emergência de tais pautas e engrossar a fileira dos

estudos que mapeiam os modos de existência das juventudes na contemporaneidade, como forma ética e política de legitimação e reconhecimento.

Palavras-chave: juventudes; fotografia; contemporaneidade; educação; reconhecimento.

ABSTRACT

This study is inserted in the line of research Cultures, Languages and Technologies in Education. This thesis aims to analyze how are built youth agendas in imagistic world of young people who have the photography as a technological resource, considering the cultural context Contemporary in which they live. The research was focused on the analysis of males and females students of a school in Canoas. The benchmark Theoretical includes authors who analyze and discuss the issues related to photography, youth, education and technology in contemporaneity. The first chapter entitled " Browsing and demarcate one problem: youths and image culture ", describes the course of the study Construction and investigation of the problem. The second chapter, " A dip in youths " is organized into sections that intertwine and form the necessary foundation for the questions hat guide this Study: Youths and new sociability, Education and World Photography and contemporary production of meaning. And the third, " Staves youth: the images in the conversation wheel ", presents the analyzes developed from the ten images that served as the theme questioning the juvenile condition in question. As study methodology, four rounds of conversation were conducted with male and female students of a municipal school in Canoas/RS, and the group comprises twelve young, divided into four groups. The analysis is given by the semiotic approach to resources. As a culmination these meetings have been selected ten images, chosen by students, which formed the corpus of analysis of this thesis, based on the dialogue with young people and characterization of youth issues that emerged from it. Within this process of analysis was possible build dissertation and highlight youth agendas, their processes construction and its implications in the context of contemporary culture. Plunge into the world of young people, emerge and submerge, observe, discuss and recognize new directions was the great challenge of this work, to talk " with " youth about their worlds, their interests and perspectives, and not "of" them. Given these issues it was possible to discuss the emergence of such guidelines and thicken the line of studies that map the modes of existence of youths in contemporary times, such as ethics and political form of legitimation and recognition.

Keywords : youth; photography; contemporary education; recognition.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. PERCORRER E DEMARCAR UM PROBLEMA: JUVENTUDES E CULTURA DA IMAGEM	13
2. UM MERGULHO NAS JUVENTUDES	19
2.1. Juventudes e novas sociabilidades	19
2.2. Educação e mundo contemporâneo	33
2.3. Fotografia e produção de sentido	48
3. PAUTAS JUVENIS: AS IMAGENS NA RODA DE CONVERSA ..	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	109

INTRODUÇÃO

Estamos vivendo uma crise global, em que boa parte dos paradigmas da modernidade estão sendo contestados e em que o conhecimento, base do processo educativo, passa por inúmeras reinterpretações e ressignificações. Com base nestas questões, as juventudes tornam-se um importante ponto de pesquisa em educação na atualidade.

Como podemos produzir conhecimento “com” esta fatia de nossa sociedade chamada juventude, e não apenas “sobre” ela? Com base neste questionamento inicial podemos considerar que só produzimos conhecimento com a experiência direta do contato e diálogo entre as diferenças. Ambos precisam ser bússolas do pesquisador, comunidade escolar e dos próprios jovens para que possa acontecer a produção de conhecimento e sentido que nos faz avançar.

Com todos os avanços das tecnologias, a comunicação entre os indivíduos tem ocorrido das mais diferentes formas e com o uso dos mais diferentes aparatos técnicos. Mas quando buscamos o sentido da comunicação como uma forma de expressão dos diversos modos de existir e conviver de homens e mulheres inseridos na cultura, o interesse pela pesquisa no campo da educação e comunicação não pode restringir-se meramente à investigação dos aparatos técnicos e de sua ampla disseminação no campo educacional. Interessa-nos, sobretudo o sentido que essas ferramentas ganham na existência dos sujeitos e como, de certo modo, também estão envolvidos na sua própria constituição.

No âmbito deste estudo a fotografia digital realizada por meio de dispositivos móveis (telefones celulares, smartphones, tablets, etc.) ganhou lugar de destaque, por tratar-se, entre outros, de um recurso cada vez mais disponível entre os jovens de diferentes condições econômicas e fortemente presente no contexto escolar.

Nossos jovens utilizam e muito a fotografia para seus registros e com muita rapidez as disponibilizam nas redes sociais, seja para determinada pessoa, diferentes pessoas ou as “jogam” na rede para que todos possam visualizá-las. Cada vez mais o uso de aparelhos móveis, e a produção de imagens entra no ambiente escolar, tornando-se um evento de destaque, seja pelo desconforto que causa a determinados professores e gestores escolares, seja pelos usos bastante criativos que outros acabam promovendo com finalidades pedagógicas. O que já não se pode negar é que vivemos numa cultura da imagem, onde a produção e veiculação de imagens digitais torna-se cada vez mais frequente e corriqueira, instigando-nos a pensar em seus sentidos e nos potenciais usos de tais tecnologias nas práticas educacionais.

Precisamos criar a cada dia mais espaços na escola e na sociedade para conversar com os nossos jovens, uma vez que a mudança de postura e forma de encarar a vida e os desafios existenciais mais sérios parecem emergir especialmente nesta fase da vida. Tentar entender e participar deste momento da vida dos estudantes é o grande desafio deste trabalho, insinuando e instigando possíveis mudanças no espaço da escola, no currículo e uma maior abertura para o diálogo neste território, onde os dispositivos móveis para captura de imagens podem ser bem mais que mero “estorvo” das rotinas pedagógicas.

Tentar compreender o universo educacional foi o que sempre moveu meus estudos relacionados à educação. Enquanto professora o que mais me fascina é como ocorre o processo de aprendizagem e a inclusão de tudo o que está disposto aos meus alunos neste mundo cultural tão diverso de onde eles, e nós, emergimos como cidadãos.

1. PERCORRER E DEMARCAR UM PROBLEMA: JUVENTUDES E CULTURA DA IMAGEM

Para demarcar as questões que constituíram este trabalho vou percorrer alguns pontos importantes de minha história. Ingressar na Universidade foi a realização de um grande sonho meu e de meus pais, já que ambos não puderam ingressar na mesma por questões financeiras e pela opção de constituir uma família, proporcionando uma educação de qualidade aos filhos deste matrimônio. Optar por um curso não foi tarefa fácil para uma jovem professora, recém formada no Magistério, porém o gosto pela Arte e principalmente pela pintura já faziam parte do meu mundo. Foi neste momento que escolhi o curso de Arte. Mas onde realizá-lo? Em uma das visitas proporcionadas pelo Colégio Maria Auxiliadora, descobri que a Universidade Luterana do Brasil estava reabrindo o seu curso, fechado há seis anos.

O primeiro ano do curso foi incrível, pois tive professores dedicados à Arte que me fizeram perceber a importância dela na vida de todos os seres humanos. Porém, uma questão me angustiava: o despreparo, ou desconhecimento sobre o marco legal da educação parte de alguns destes docentes, e a falta de reconhecimento da educação como prática social, especialmente a quase total ausência de discussões sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Foi neste momento que decidi buscar outro curso que me proporcionasse uma boa referência para pensar a educação como prática social e política, para além da formação cultural e estética proporcionada no curso de licenciatura em Arte. Neste momento, através da conversa com alguns colegas, optei por cursar concomitantemente o curso de Pedagogia, com habilitação em Supervisão Escolar.

No dia 05 de janeiro de 2004 assumi o cargo de professora - área 1 na Prefeitura Municipal de Canoas, por meio de Concurso Público, passando a lecionar na Escola Municipal de Ensino Fundamental David Canabarro. Logo após, recebi o primeiro convite para trabalhar na rede privada de ensino de

Canoas, no Colégio Ulbra São João. No mês de agosto deste mesmo ano o Colégio Maria Auxiliadora também me convidou a trabalhar no Ensino Fundamental com a disciplina de Educação Artística e no Ensino Médio com a disciplina de História da Arte.

Em 2005 iniciei o curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão Educacional na Ulbra – Canoas. Dentre os estudos realizados nas disciplinas o que mais chamou a minha atenção foi o panorama da Gestão Educacional no Brasil e a Educação à Distância, que estava começando a mostrar um novo rumo para a Educação Brasileira, sendo que o tempo escasso e a vontade dos professores em realizar a sua formação continuada estava crescendo.

Tendo como base a minha trajetória, no ano de 2010 senti-me preparada para retomar os meus estudos, objetivando a realização de um Mestrado em Educação, tendo ingressado como aluna especial na Universidade Luterana do Brasil. No início do mês de outubro de 2011 fiquei sabendo, através da equipe gestora da escola em que atuava, que haveria uma seleção para o Mestrado em Educação no Unilasalle. Eu, como funcionária pública municipal, teria a possibilidade de participar desta com isenção da taxa e, se aprovada, teria bolsa integral de estudos. A preparação que já estava ocorrendo desde o início do mês de agosto e passou a ser dividida para as duas instituições, Ulbra e Unilasalle. Para minha surpresa e felicidade, fui uma das alunas selecionadas, para estudar no Centro Universitário La Salle, com bolsa integral de estudos.

Neste novo percurso de minha caminhada, no mestrado em educação, as juventudes e suas linguagens, bem como o uso de diferentes tecnologias é algo que tem atraído minha atenção dentro do processo educativo da atualidade.

Realizar um trabalho integrado entre a prática docente e as produções acadêmicas seria um ideal no processo de pesquisa. Não podemos pensar em pesquisa como algo isolado da escola e das vivências dos sujeitos. Sendo assim, perceber as interfaces da construção da identidade dos jovens e de suas linguagens pode ser considerado um tema relevante em que todas as contribuições são bem vindas.

O tema das juventudes entrou especificamente em minha vida em 2003, quando tive as primeiras experiências em sala de aulas com jovens no ensino da Arte. Com o passar dos anos, sempre tive a oportunidade de trabalhar com

esta faixa etária. O que mais me atrai neste trabalho é a oportunidade de explorar os mais diferentes assuntos e leituras da realidade em que cada um destes grupos está inserido; seja em áreas centrais ou em áreas de periferia, sempre temos muito a aprender.

Para Freire (2011) não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino e esses “quefazeres” se encontram um no corpo do outro. Com base nesta reflexão podemos sustentar a importância da pesquisa sobre juventudes nos dias de hoje. A escola pode ser considerada um espaço muito rico do ponto de vista da multiplicidade de culturas e contextos, possibilitando navegar neste mar de descobertas, considerando o encontro de diferentes águas, ou seja, de grupos distintos que compõem este universo.

Hoje temos um alargamento ou ampliação do tempo dos jovens na escola e em outros espaços de convivência. Neste sentido ainda, pode-se afirmar um fator importante são os diversos incentivos por parte do Governo Brasileiro na última década para a permanência destes jovens no espaço educativo, uma vez que em grande parte estes incentivos são financeiros para a permanência e maior qualidade do ensino proporcionado pelas diferentes redes de ensino.

Para Mantoan (2001) as diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, enfim, a diversidade humana está cada vez mais sendo desvelada e destacada e é condição imprescindível para se entender como conhecemos, aprendemos e compreendemos o mundo e a nós mesmos. As culturas juvenis ainda são pouco conhecidas e respeitadas nas instituições educativas; para tanto, precisamos pensar a pesquisa “com” as juventudes e, além disso, disseminar a discussão sobre questões que envolvam esse universo.

Dentro deste universo das culturas juvenis, um fator bastante interessante e de grande relevância são as pautas juvenis, ou seja, a forma como acontecem as construções individuais e coletivas de interesses dos jovens dentro e fora da escola. Estas precisam ser cada vez mais conhecidas e respeitadas nos espaços escolares, porém, muitas escolas ainda não trazem um currículo contextualizado e uma prática diferenciada onde as linguagens dos jovens sejam discutidas e levadas em consideração nas práticas pedagógicas. O professor e a comunidade escolar precisam fazer parte de tudo isso, ou melhor, a escola precisa se aproximar cada vez mais deste mundo,

rompendo barreiras de preconceito e de hegemonia da cultura adulta, numa clara sustentação dos valores modernos segundo os quais a juventude é vista apenas como “período de passagem” em direção à adultez. Nesta aproximação, a imagem, e a imagem fotográfica em especial, surge como linguagem cada vez mais presente na práxis pedagógica e no dia-a-dia de todos nós.

Segundo Ratto (2012, p.222)

É nesse contexto que emerge uma cultura da imagem, agora não mais encarnada na figura da mitologia antiga ou das narrativas clássicas, mas na agitada vida da polis contemporânea onde tudo concorre para ser visto e fazer-se capital na economia da atenção. Mais do que isso, agora imagem e som constituem uma nova e potente unidade que faz frente à lentidão e dureza das formas escriturais.

Acrescenta ainda que foi com a fotografia (idem, p.222-223)

que se deu início a ‘um novo paradigma na cultura do homem, baseado na automatização da produção, distribuição e consumo da informação [e não só das visuais], com conseqüências gigantescas para os processos de percepção individual e para os sistemas de organização social. Mas é com as imagens eletrônicas [disseminadas pela TV] e com as imagens digitais [ciberespaço] que essas mudanças se tornaram mais perceptíveis e suficientemente ostensivas para demandar repostas por parte do pensamento crítico-filosófico.’ (Machado, 1989, p.13) (...) Curiosa e paradoxalmente, essa mesma cultura da imagem em que estamos imersos, onde tudo deve fazer-se signo visual para comunicar algo e para atrair o olhar de alguém, é também a cultura da falta de sentido e do esvaziamento do olhar. A imersão numa cultura da imagem trivializada é ‘inofensiva, mas, ao mesmo tempo, onipresente, paradoxalmente onipotente e sem importância.’ (SANTAELLA, 2006, p. 200)

Hoje, para capturar uma imagem fotográfica, não precisamos ter uma máquina fotográfica sofisticada, afinal o mercado oferece os mais diferentes dispositivos, com diferentes formatos e configurações, ao acesso das mais diferentes camadas sociais. Como um dos exemplos, podemos trazer o telefone celular, que a cada momento recebe uma função diferente e a apropriação da fotografia assim como o descarte desta imagem tem sido a base de muitos estudos e interpretações das juventudes. A escola e os professores precisam se apropriar das questões relacionadas à tecnologia, em especial a fotografia digital, e utilizar-se desta potente ferramenta para a

educação do olhar e favorecer a sensibilização à diversidade semântica do mundo contemporâneo. Assim a produção de imagens, diferentemente de ser apenas acúmulo e descarte de “instantâneos” sem sentido, pode tornar-se uma importante fonte de ressignificação social por parte das juventudes e, inclusive, de recriação de si mesmos. Uma vez que

“as práticas educativas podem constituir um importante dispositivo de desmonte das grandes máquinas de visão do capitalismo contemporâneo, dando-nos a ver as singularidade que costumam escapar-nos na corrida cotidiana. Estranhar o habitual, o familiar, enxergar o insólito nas regularidades, desacelerar o tempo, desmontar as espacialidades instituídas em favor de outras composições, forçar a linguagem à sua função originária de morada do ser. Todos esses são desafios de uma educação que, restituindo-nos o olhar ou auxiliando-nos a construí-lo, pode nos oferecer a *experiência* inestimável de nos sentirmos vivos, reais e capazes de algo. (RATTO, 2012, p.238-239)

Foi nesse sentido que esta dissertação se construiu.

Tive como objetivo analisar como são construídas as pautas juvenis e o mundo imagético de jovens que tem a fotografia como um recurso tecnológico, numa escola do município de Canoas, considerando o contexto cultural contemporâneo em que estão inseridos.

O capítulo que recebe o título, “Um mergulho nas juventudes” está organizado em seções que se entrelaçam e constituem a fundamentação necessária para as questões que norteiam este estudo: Juventudes e novas sociabilidades, Educação e mundo contemporâneo e Fotografia e produção de sentido.

Já o terceiro capítulo, “Pautas juvenis: as imagens na roda de conversa”, apresenta as análises desenvolvidas a partir das dez imagens que serviram de mote à problematização da condição juvenil em questão, através da análise das imagens e das rodas de conversa, onde tivemos a consolidação das pautas juvenis aqui apresentadas e discutidas.

Ter a oportunidade de resgatar o trabalho que já havia iniciado com os jovens enquanto professora e perceber que através do vínculo criado tivemos uma grande abertura para o diálogo e reconhecimento de suas pautas, reforçou sobremaneira minha posição de que pesquisa e formação são um par indissociável. Isso radica esta pesquisa num caráter eminentemente qualitativo

e formativo onde pesquisar e educar(-se) são faces de uma única e mesma moeda.

2. UM MERGULHO NAS JUVENTUDES

2.1 – Juventudes e novas sociabilidades

Olhar para as juventudes não pode ser considerado uma tarefa fácil; ao mesmo tempo em que podemos perceber uma grande interrogação, estes sujeitos estão envoltos por toda a sua e a nossa história enquanto humanidade. Nesta perspectiva, precisamos tentar compreendê-los como sujeitos sociais que se constroem e constituem enquanto jovens, e que se diferenciam por todas as questões culturais e sociais de nossa atualidade.

Para Dayrell (2003), nos deparamos em nosso cotidiano com uma série de imagens a respeito da juventude que podem interferir em nossa maneira de compreender os jovens. Sendo assim, uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é apenas um “vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente.

Neste sentido, é possível perceber em diferentes camadas de nossa sociedade, um “alargamento” das juventudes, não apenas na demarcação de uma faixa etária, mas também pelo predomínio dos signos que as identificam. É importante salientar que, por questões econômicas ou por várias outras questões culturais, muitos destes jovens tem se submetido a permanecer na casa de seus responsáveis por mais tempo, postergando a entrada no que costumávamos considerar a “vida adulta”.

Para Melucci (1997) a juventude, por causa de suas condições culturais e biológicas, é o grupo social mais diretamente exposto a estes dilemas [sociais e econômicos da atualidade], tornando-os mais visíveis para a sociedade como um todo. Estes dilemas estão relacionadas basicamente às questões de redistribuição de tempo e de espaço no capitalismo contemporâneo. Sendo de suma importância o direcionamento do foco de pesquisa nesta fatia de nossa sociedade que, grosso modo, aparece geralmente “diabolizada”, quando associada à violência, ao crime, à decadência moral e cultural. (LACERDA, 2009)

O jovem tem se constituído um ponto extremamente importante para os estudos que visam mapear esta nova sociedade que está surgindo, ou melhor, novas formas de sociabilidade, moduladas pelo capitalismo e por todas as formas de resistência a ele. A cultura está organizando a experiência do tempo. O fator tempo e a utilização deste é algo que tem causado diferentes debates em nossa sociedade, assim como as prioridades dos indivíduos.

Segundo Sposito (1997) é importante ressaltar no âmbito da produção de conhecimento, que a análise de como um determinado campo de estudos também vem construindo teórica e conceitualmente o tema da juventude enquanto objeto de investigação, seus modos de aproximação do fenômeno em questão, seus recortes principais e suas relações com os processos históricos que permitem a visibilidade desse segmento na sociedade brasileira nos últimos anos, trazendo consigo todos os aspectos culturais que estiveram envolvidos em décadas anteriores.

Na periferia ou em bairros economicamente menos privilegiados, especialmente, a mestiçagem cultural assim como novos elementos da cultura com muita rapidez são geradas e sofrem um processo de hibridização, ou melhor, mantém algumas características básicas e rapidamente agregam outras. Aventurar-se na cultura e nas juventudes pode ser considerado uma espécie de livro, do qual a cada novo dia é escrito um pequeno trecho que traz junto consigo todo o processo de criação e criatividade desta fatia de nossa sociedade. Na mesma perspectiva, Charlot (2005) aponta que a cultura que se vê nas periferias é uma cultura “do heterogêneo, do instável, da mestiçagem” (p.166) e tal situação gera uma enorme angústia, pois obter resultados nesta instabilidade e fluidez é um desafio, exigindo esforço cotidiano.

A educação brasileira tem caminhado no sentido de resgatar questões de extrema importância para o dia a dia de nossas escolas e do trabalho com nossos jovens, na perspectiva da garantia de direitos, o que implica reconhecer seus interesses, modos de vida, linguagens, estilos, reivindicações, fragilidades e potências. Em nossa compreensão, e a partir da pesquisa, podemos afirmar que o cotidiano destes jovens é marcado de uma luta por reconhecimento (HONNETH, 2003), onde a escola é campo privilegiado de sociabilidade. Para Axel Honneth (2003, p.216-217), na tendência contemporânea da Teoria Crítica,

“a particularidade nas formas de desrespeito, como as existentes na privação de direitos ou na exclusão social, não representa somente a limitação violenta da autonomia social, mas também sua associação com o sentimento de não possuir o status de um parceiro da interação com igual valor, moralmente em pé de igualdade. (...) nesse sentido, de maneira típica, vai de par com a experiência da privação de direitos uma perda de autorrespeito, ou seja, uma perda da capacidade de se referir a si mesmo como parceiro em pé de igualdade na interação com todos os próximos.”

A parceria entre família e escola é elemento fundamental na educação dos jovens. Charlot (2005) corrobora esta ideia ao afirmar que a desigualdade social na escola deve ser trabalhada a partir da relação dos jovens com o saber, pois caso não se faça, continuar-se-á a proteger os privilégios de um certo número de crianças e deixar-se-á de considerar muitos dos sujeitos que efetivamente estão no espaço escolar.

Infelizmente ainda em nossa sociedade os cursos oferecidos para os jovens das periferias brasileiras normalmente são profissionalizantes, com a exigência do nível escolar fundamental e médio, para que estes façam trabalho braçal, ou nas áreas em que não temos um déficit de profissionais. A caminhada para a mudança destas questões são o surgimento de incentivos por parte do Governo Federal como Programa Universidade para Todos - Prouni, somado ao Fies, ao Sistema de Seleção Unificada (Sisu), ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e a expansão da rede federal de educação profissional e tecnológica ampliam significativamente o número de vagas na educação superior, contribuindo para um maior acesso dos jovens à educação superior das classes sociais menos abastadas. Aos poucos os jovens da periferia tem tido um oportunidade diferenciada do que anteriormente era visto em nossa sociedade. O acesso, no entanto, não garante permanência. Entendemos que boa parte da permanência dos jovens nos bancos escolares e universitários depende diretamente do reconhecimento cultural que lhes dê uma condição real de existência e participação.

É possível pensar o conceito de juventude, nas ideias de Dayrell (2010), que a define a partir da noção de condição juvenil, dizendo respeito ao modo

como a sociedade constitui e atribui sentido e significado a este momento do ciclo da vida, em relação com o contexto histórico-geracional e com o modo como esta condição é vivida nos diversos aspectos da diferença social (classe, gênero, etnia, etc.)

Neste sentido não temos uma idade que pode ser fixada de início ou de fim da juventude, e sim uma condição juvenil que é vivenciada pelas pessoas de nossa sociedade. Todo este significado atribuído à condição juvenil é uma construção coletiva que todos e cada um de certa maneira fazem, a partir de suas definições e práticas sociais. Questões de classe, gênero e etnia não são primordiais mas fazem a diferença em algumas análises que são realizadas, como exemplo estudos que são realizados na periferia as classes sociais menos abastadas podem contribuir para questões de envolvem o surgimento de culturas e formas de pensamento diferenciada.

Bauman (2012) nos diz que a cultura humana, longe de ser a arte da adaptação, está pode ser a mais audaciosa de todas as tentativas de quebrar os “grilhões de adaptação” podendo ser este o obstáculo fundamental para a manifestação da criatividade humana. Dentro desta perspectiva, a cultura pode ser considerada um dos sinônimos da existência especificamente humana, “é um audacioso movimento a fim de que o ser humano se liberte da necessidade e conquiste a liberdade para criar.” (p.296)

O processo de criação está presente na vida dos seres humanos desde os primórdios dos tempos, como nos desenhos das cavernas onde nossos antepassados utilizavam-se das marcas nas paredes para representar os animais que tinham caçado, parte desta representação era feita pela memória e outra parte pelo processo de criação. Todo o processo de criação artística possui uma parte da cultura vivenciada pelo criador, criatividade e uma boa dose de imaginação para incrementar ainda mais seu olhar diferenciado para criar algo que ainda não existe ou ainda transformar algo que já existe em outra obra.

Conforme Bauman (2012):

A cultura é singularmente humana no sentido de que só o homem, entre todas as criaturas vivas, é capaz de desafiar sua realidade e o bem – seja ele individual ou coletivo. (...) Pelo contrário, elas oferecem a única perspectiva a partir da qual essa condição é vista como a realidade humana e adquire dimensões humanas. Só

adotando essa perspectiva e se apropriando dela é que a sociologia pode ascender ao plano das humanidades, além de ser uma ciência, e resolver, portanto, o antigo dilema, aparentemente insolúvel, que assombra sua história. (p.302)

O desafio diário em busca da sobrevivência tem tornado o ser humano e principalmente os jovens em guerreiros, que em alguns momentos precisam alavancar as mudanças em outros necessitam frear as mudanças que vem com uma velocidade assustadora. Nossos jovens em alguns momentos nesta batalha tem crises com outras gerações ao mesmo tempo que se rendem aos ensinamentos. Um dos campo minados que tem apresentado muitas destas questões é a escola, que na maioria das vezes precisa ser apaziguadora e reflexiva uma vez que a própria sala de aula se constitui como campo de conflito e disputa por significados, dado que a grande maioria dos professores e dos jovens não fazem parte da mesma geração.

Ainda referindo-nos às reflexões de Bauman (2012), uma das principais características modernidade é a ampliação do volume e do alcance da mobilidade tendo como conseqüência um certo enfraquecimento no sentido da da localidade e das redes locais de interação onde os jovens estão inseridos. Neste sentido da juventude temos “comunidades imaginadas” por cada um dos indivíduos e que conseqüentemente teremos a revitalização ou reorganização das nações, além disso as questões culturais “compostas”, postuladas ou construídas, dentro destes espaços.

Na construção das identidades culturais juvenis temos um misto de comunidades e práticas que automaticamente trazem as reformulações destes grupos. Em muitos destes momentos a localidade acaba sendo um diferencial e a base para estas construções coletivas. Alguns jovens mesmo sem ter conhecimento tem produzido e muito no que envolve a música, teatro, artes plásticas e podemos ainda dar a ênfase ao trabalho fotográfico que tem sido realizado e disponibilizado nas redes sociais. Nossos jovens tem utilizados as mais diferentes ferramentas para disponibilizar os produtos fotográficos por eles concebidos e temos aí um campo bastante rico para decifração de significados e modos de vida, dos quais a escola não pode se distanciar.

De acordo com Bauman (2012):

Comunicação barata significa inundar, sufocar ou empurrar a informação adquirida, assim representa a rápida chegada de notícias (...) As novas informações dificilmente têm tempo de submergir, ser memorizadas e se enrijecer num piso sólido sobre o qual poderão se depositar sucessivas camadas do conhecimento.(...) A comunicação rápida beneficia a atividade de limpar a área e esquecer, em vez de aprender e acumular conhecimento. (p. 36)

A quantidade de informações que tem sido disponibilizada de todos os lados para a nossa sociedade é um número alarmante, porém a forma que todas estas são avaliadas, manipuladas, processadas e compartilhadas é um dos grandes desafios da escola e de nossos jovens que em alguns momentos trabalham com a superficialidade de informações. Com o desenvolvimento deste trabalho pudemos ter um aumento considerável de aprendizagens e trocas ao longo da realização e disponibilização de imagens, por exemplo.

Cabe registrar que para Bauman (2012) a cultura precisa buscar a sua função essencial e não ter a preocupação que suas fragilidades sejam evidenciadas. “A naturalização da cultura foi parte e parcela do moderno desencantamento do mundo.” (p.12) Nem sempre todo este desencantamento ficou evidentes dentro de nossa sociedade.

Urge construirmos espaços de conversação com as diferentes culturas juvenis, no sentido de compreendermos suas pautas e abrirmos espaço para a efetiva produção cultural que nos caracteriza como humanos e nos abre horizontes de sentido para a existência. A fragilidade das relações estabelecidas principalmente pelo jovens, mas não só por eles, é algo que pode chamar atenção para aqueles que trabalham diariamente com estes grupos. Um exemplo clássico disto é o pertencimento e aceitação destes grupos. Para que determinado jovem seja aceito pelo grupo ele precisa estar disposto a fazer parte deste grupo, assim como o grupo de aceitá-lo. No que diz respeito ao pertencimento, cada vez mais somos reféns de um processo de fetichização dos bens de consumo, onde “ter” determinados símbolos parece garantir pertencimento, sem que isso represente efetivamente engajamento e participação.

Bauman (2012) traz para a discussão as chamadas “comunidades estritamente entrelaçadas”, de certa maneira todo este entrelaçamento e de certa maneira a mistura destes grupos parece ter ocorrido pelo processo de comunicação e essas trocas acabam ocorrendo de forma acelerada em função

do uso das tecnologias. Trazendo esta reflexão para o cotidiano podemos perceber a fragilidade e o curto tempo de vida das atuais comunidades, assim como a permeabilidade e a falta de clareza de suas fronteiras. Tudo percorre longas distâncias e em alta velocidade na cultura contemporânea, mas nada parece estar garantido ou estável o suficiente para fazer história, pertencimento, cultura. Tudo isso tem nos desafiado a pensar questões interessantes no sentido do diálogo intercultural com as juventudes.

Para que os jovens tenham a oportunidade de ingresso num grupo nem sempre isto ocorre por questões financeiras, muitas das vezes acaba ocorrendo no pacto de ação e de ideias, de conversas ou de ideais que são constituídos através da convivência e intercâmbio de vivências. Para tanto os grupos vão sendo consolidados e confirmados na medida em que os grupos passam a ter encontros diários, sejam eles presenciais ou virtuais através das redes sociais e muitos outros mecanismos de comunicação.

Bauman (2012) reforça que:

Assim como as ideias devem ser enterradas vivas – muito antes de estarem “bem mortas” -, e sua morte aparente é apenas um artefato de seu desaparecimento de nosso campo visual. O ato de enterro, mais que qualquer teste clínico, é que garante o atestado de óbito. Se resgatadas da amnésia coletiva que foram destinadas a hibernar, elas podem - quem sabe? – ganhar mais tempo de vida. (p.8)

Quando realizamos as rodas de conversa com os jovens, por exemplo, encontramos e inventariamos elementos culturais de coesão, desde elementos característicos de sua criação e momentos que foram marcantes para a constituição destes, diferentes ideias e percepções de vida de cada um dos indivíduos, aparentemente “esquecidos” pela velocidade dos encontros e das relações. O tempo de estar junto, de conversar, de parar para testemunhar o “olhar do outro” por meio de suas fotografias produzidas, parece ter desempenhado um papel bastante próximo ao que Bauman sugere referindo-se ao “resgatar da amnésia coletiva” aquilo que nos constitui. Para alguns jovens as ideias são enterradas vivas com apenas alguns segundos de sobrevivência, para tanto o resgate e aprimoramento destas podem trazer contribuições importantes assim como significados para estes grupos.

Muitos são os modelos pensados e experimentados por nossos jovens. Neste sentido, Almeida (2012) nos traz a importância do processo de reflexão e do processo de subjetivação que faz com que nossos jovens pensem nos processos de aprender fazendo ou até mesmo observando a forma como algo é feito, individual ou coletivamente. “Tal circunstância tem nos levado a acompanhar entre os novos agentes criativos o acúmulo e mesmo a multiplicidade simultânea de desempenhos” (p.10) de atividades cuja excelência mora justamente em conhecer a maneira como ocorre o seu funcionamento, em como se dão os processos e não a conquista dos produtos.

Todos os modelos que tínhamos e temos em nossa história sofrem uma resignificação constante seja por parte de grupo de jovens ou por questões sociais, mas para que tudo isso seja reformulado o processo de criação, dedicação e principalmente criatividade são realizados de forma intensa no suspiro de cada um dos participantes. Para tanto trabalhar com a multiplicidade de argumentos é algo que requer a dedicação de todos os envolvidos.

Assim, pesquisar as juventudes, implica, conforme Almeida (2012):

[...] apontar certos impasses e desafios trazidos pela contemporaneidade que vêm invocando, no plano da subjetividade, da cultura e da própria sociedade, a busca por instrumentos e ferramentas conceituais que nos permitam apreender fenômenos que, a cada dia, estão a exigir de nós, cientistas sociais, uma espécie de nova tribuna de imaginação ou, mesmo de reinvenção dos paradigmas de análise que até então vêm balizando nossos processos de reflexão e pesquisa. (p.8)

Dentro do processo de reflexão e pesquisa com as juventudes podemos ter uma retroalimentação constante de nossos próprios modos de existir e conviver, afinal a cada nova vivência, várias podem ser as questões elucidadas, a maneira como são vistos e organizados os discursos e as práticas podem remeter a diferentes maneiras de interagir com os indivíduos destes grupos juvenis.

Os padrões sociais tem sofrido as mais diferentes influências resgatando os mais diversos estilos de vida. Na maioria dos grupos temos uma retomada de alguns detalhes das gerações anteriores, numa clara resignificação de valores e práticas. Muitos destes padrões e contribuições podem ser revividos

através de registros fotográficos ou ainda por instrumentos que facilitam este trabalho.

Segundo Bauman (2013) vivemos em tempos líquidos-modernos, e a cultura tem assumido um papel de suma importância principalmente para a nossa juventude. Todas as questões que envolvem a responsabilidade e as escolhas de nossos jovens em grande parte estão ancoradas na cultura. Recriar tais formas líquido-modernas, boa parte delas a serviço das novas formas de exploração capitalista, implica colocar em questão não apenas nossos modos de pensar, mas também nossos modos de “ver” e as visibilidades que são produzidas cotidianamente. Neste sentido, a pesquisa com fotografia pode ser um potente recurso de educação do olhar, no sentido da transformação constante de nossos modos de ver, escapando ao frenético ritmo do registro-descarte-esquecimento tão característico da nossa relação com as máquinas de imagem da atualidade.

Trata-se, talvez, de uma certa desaceleração do olhar, que justamente permita enxergar dimensões menos evidentes do cotidiano, já naturalizadas pelos clichês que consumimos através das grandes máquinas de visão (ou cegueira) do capitalismo atual. Esse sentimento de “segurança” a que se refere Bauman, quando o defende como condição para o diálogo intercultural.

Para ele:

Quanto maior o sentimento de ameaça e mais pronunciada a incerteza que ele causa, mais estritamente os defensores irão cerrar fileiras e manter suas posições, ao menos num futuro visível. Um sentimento de segurança de ambos os lados da barricada é condição essencial para o diálogo entre culturas. Sem ele, a chance de que as comunidades se abram umas às outras e iniciem um intercâmbio, enriquecendo-se pelo reforço da dimensão humana de seus vínculos, é débil, para dizer o mínimo. Com ele, por outro lado, as expectativas para a humanidade são promissoras. (BAUMAN, 2013, p.66)

Neste mapa das culturas e de suas condições é incrível a maneira como pode ocorrer o diálogo entre cada uma delas, a maneira como ocorre a mistura, ou melhor a hibridização, surgindo novas nuances conforme os grupo criam estes diálogos.

Pais (2005) observa que os conceitos de *espacialidade* e *territorialidade* conotam relações de poder e capacidades de inclusão e de exclusão. As cidades são aglomerações espacializadas, construídas em torno de uma

disponibilidade instrumental de poder social. Estes espaços, chamados cidades, regem um espaço de grande poder social principalmente para a juventude que busca de todas as formas a sua territorialidade e que permeiam tanto os espaços físicos quanto simbólicos. Outra idéia que este autor traz, de grande relevância para o estudo das juventudes, é sobre a fluidez, que para ele é a marca das culturas juvenis. Os jovens encontram-se expostos ao exterior, muito distante do espaço doméstico que, anteriormente, era o espaço da autonomia (pouca) que os jovens tinham.

Para Guimarães (2007) faz-se necessário destacar dois princípios que fazem parte da constituição dos movimentos juvenis atuais e que estão fortemente presentes, sua intensa fragmentação e forte heterogeneidade. Não há unidade, menos ainda homogeneidade entre os grupos, como não há em seu interior. É importante ressaltar que estes fatores podem ser de jovens advindos de quaisquer classes sócio-econômicas. A fragmentação e a heterogeneidade constituem fortes marcas da condição juvenil, servindo contraditoriamente de abertura para criação intercultural e, ao mesmo tempo, como vetor de desorientação e exposição aos apelos do consumo.

Dando continuidade a este pensamento a autora também ressalta uma outra questão importante. Há nestes grupos imensa capacidade de criar e recriar as heranças culturais em torno das atuais condições sociais e das novas sociabilidades — centradas no lazer e nas novas culturas musicais —, de construção e reconstrução de sua própria história e da utilização dos recursos hoje disponíveis. Estes recursos são os mais diversos, sejam eles digitais ou sociais, podendo dar um código particular para o grupo.

Outro apontamento importante sobre os grupos de jovens é a demarcação territorial, tendo esta como base da organização e do sentido de pertencimento de todos os membros. A elaboração das regras e estilos destes pode ser considerada algo que permeia todas as relações assim como os códigos particulares que vão sendo construídos a cada momento.

A maioria destes jovens faz parte de nossas escolas. Sendo assim, as propostas das instituições de ensino deveriam levar isso em conta em todo o processo educativo e na construção de propostas curriculares, as diferentes maneiras de encarar a vida e a educação em tempos de incertezas.

As grandes transformações que podemos observar ao longo do século, foram decisivas para o alongamento da permanência no interior da escola para novos segmentos sociais e as condições diferenciais de acesso ao mundo do trabalho, além da prorrogação da vida em suas famílias de origem sem abandonar a casa dos pais e em muitas das vezes abrir mão de uma relação conjugal dentro da casa dos pais.

Segundo Sposito, (2007),

[...] para grande parte da população escolar, a categoria aluno não possibilitaria uma aproximação mais global de suas práticas escolares, interesses e formas de sociabilidade. Por essas razões a pesquisa voltou-se para o exame dessas formas híbridas que caracterizariam a experiência educativa da maioria da população de origem trabalhadora ou excluída da sociedade brasileira. Se essa suposição é correta, as investigações mais recentes recorrem a novas abordagens, incluindo aquelas que dizem respeito às formas associativas e de expressão cultural dos segmentos juvenis na medida em que se acentua a crise da escola e sua capacidade de intervenção socializadora sobre a população em idade escolar. (p.48)

A educação e a juventude estão em crise; acreditar em culturas híbridas, neste contexto atual pode ser uma alternativa para tentar entender o que está acontecendo em todo este processo de socialização e de redescobertas.

Para Melucci (1997) existe uma crescente possibilidade, para os atores sociais, de controlarem as condições de formação e as orientações de suas ações. A experiência é cada vez mais construída por meio de investimentos cognitivos, culturais e materiais.

Na contemporaneidade os signos tornam-se intercambiáveis. O poder está apoiado de certa forma em uma escala crescente e estes novos códigos são regulados pelo alto fluxo de informações que é revisto a cada milésimo de segundo. Para Melucci (1997) a ação coletiva de tipo antagonista é uma *forma*, a qual, pela sua própria existência, com seus próprios modelos de organização e expressão, transmite uma mensagem para o resto da sociedade, com toda a rapidez em que as redes de informações são abastecidas por sistemas complexos levando em conta a autonomia de seus elementos.

Segundo Melucci (1997) sem o desenvolvimento das capacidades formais de aprender e agir (aprendendo a aprender), indivíduos e grupos não poderiam funcionar como terminais de redes de informação, as quais têm que

ser confiáveis e capazes de auto-regulação. Nossos jovens podem ser considerados a “ponta deste iceberg”, ou seja, em alguns momentos estão submersos neste mar de informações, em outras totalmente descobertos. Neste mar de incertezas, que fazem parte deste mar de informações, os significados culturais complementares e, em determinados momentos, opostos, é que recriam os novos cenários mundiais. A educação, assim, teria justamente o papel de “ensinar a surfar” nesse mar de estímulos constantes, dando aos sujeitos jovens a possibilidade de orientarem-se, mesmo que dinamicamente e provisoriamente, de modo a conquistarem alguma autonomia de escolha e realização.

Melucci (1997) retoma as seguintes ideias:

O tempo que a sociedade moderna conhece é medido por máquinas: relógios são máquinas por excelência. A máquina cria uma nova dimensão do tempo: não mais “natural” (isto é, marcado somente pelos ciclos do dia e noite, as estações, nascimento e morte) e não mais “subjetivo” (isto é, ligado à percepção e experiência dos atores humanos). O tempo da máquina é um produto artificial que tem a objetividade de uma coisa. É também uma medida universal que permite comparação e troca de desempenhos e recompensas, através do dinheiro e do mercado. Tempo é uma medida de quantidade: nos ritmos diários de trabalho como nos balancetes anuais das empresas. Aliás, em qualquer cálculo pautado na racionalidade instrumental, a máquina estabelece uma continuidade entre tempo individual e tempo social. (p.3)

Assim, o tempo para as juventudes é algo extremamente valioso, sendo este um grupo social que pode ser o mais exposto a todo o dilema sobre como aproveitar este tempo da melhor e mais produtiva forma. As juventudes não podem ser mais consideradas apenas uma condição biológica, uma definição cultural que vai muito além da idade, pois trazem consigo todas as questões de um grupo que busca a cada momento, novas alternativas de consolidação, enquanto grupo social. Melucci (1997) aponta ainda que para os jovens de hoje a experiência de tempo como possibilidade, mas também como limitação, é uma maneira de salvaguardar a continuidade e a duração; uma maneira de evitar que o tempo seja destruído em uma seqüência fragmentada de pontos, uma soma de momentos sem tempo.

A vida social na atualidade pode ser dividida em inúmeras zonas de experiência, na qual podem ser caracterizadas por diferentes formas de

relacionamentos, com diferentes atores, linguagens e até mesmo regras que são compostas pelos grupos sociais levando em conta toda a complexidade e potencialidade deste grupo. Para Melucci (1997) a possibilidade de definir uma biografia contínua torna-se cada vez mais incerta para esta juventude, levando-se em conta uma biografia que tem uma inconstância de fato e atitudes. Assim, o autor manifesta que:

Para lidar com tantas flutuações e metamorfoses, os adolescentes sentem que a identidade deve ser enraizada no presente. Eles devem ser capazes de abrir e fechar seus canais de comunicação com o mundo exterior para manter vivos seus relacionamentos, sem serem engolidos por uma vasta quantidade de signos. Ainda mais, para abraçar um campo amplo de experiências que não pode ser confinado dentro dos rígidos limites de um pensamento racional, eles precisam de novas capacidades para contatos imediatos e intuitivos com a realidade. Essas exigências alteram os limites entre dentro e fora e apontam para a necessidade de uma maior consciência de si mesmo e responsabilidade para um contato mais estreito com a experiência íntima de cada um. (MELUCCI, 1997, p.7)

Nosso cotidiano está repleto de experiências dentro das mais diferentes realidades, envolvendo uma questão de tempo e interpretação. As juventudes, indiferentemente de rígidas demarcações etárias, precisam assumir culturalmente uma característica juvenil através da mudança e da transitoriedade, dando um sentido maior para as suas decisões em todos os campos de atuação.

Para DAYRELL (2007), no entanto,

A educação da juventude, a sua relação com a escola, tem sido alvo de debates que tendem a cair numa visão apocalíptica sobre o fracasso da instituição escolar, com professores, alunos e suas famílias culpando-se mutuamente. Para a escola e seus profissionais, o problema situa-se na juventude, no seu pretensão individualismo de caráter hedonista e irresponsável, dentre outros adjetivos, que estaria gerando um desinteresse pela educação escolar. Para os jovens, a escola semostrar distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas. Parece que assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe. (p. 2)

Perceber como estão ocorrendo estas mudanças nas juventudes brasileiras pode ser uma atitude ousada e de certa maneira de suma importância para a construção cultural das juventudes e suas relações com a

escola. É nesse sentido que reivindicamos a importância de reconhecer e auxiliar na construção das chamadas pautas juvenis.

Sposito (1997) aponta que

Ao que tudo indica estaria ocorrendo um padrão de esgotamento das análises sobre a escola no Brasil que privilegiariam apenas a experiência pedagógica e os mecanismos presentes na distribuição do conhecimento escolar sem levar em conta outras dimensões e práticas sociais em que está mergulhado o sujeito. (p.48 e 49)

Com toda a certeza a comunidade escolar precisa rever algumas questões relacionadas às teorias e às práticas realizadas nestes espaços educativos. Em muitos momentos é possível perceber que os jovens sentem que a escola não tem levado em conta todas as suas urgências e angústias. Mergulhar nas questões das juventudes é um processo de imergir e submergir buscando as mais diferentes respostas para questões que muitas vezes nem para os próprios jovens estão claras.

Ainda de acordo com Sposito (1997)

Os trabalhos mais recentes na área da Educação, a partir de meados dos anos 90, tendem a incorporar categorias sociológicas e parecem acenar com novas perspectivas. Talvez estejam sendo criadas as condições para um diálogo mais fecundo e promissor com os cientistas sociais interessados no tema, de modo a se constituir uma área sólida de investigação em torno dos estudos sobre juventude no Brasil. (p. 51)

Com a abertura das fronteiras da Educação para outras áreas, denota-se uma contribuição no sentido de termos maior crescimento na ampliação dos territórios e na busca constante de mapeamento das questões que fazem parte do entorno do que acontece com os grupos de jovens e seus pertencimentos. Estes estudiosos contribuem com indicações de que precisamos sentir que a educação não é feita somente na escola, mas sim em todos os espaços em que temos condições de trocar e ampliar nossas competências e habilidades. Os muros das escolas não podem encerrar nosso conceito de educação e menos ainda privar-nos de olhar para fora e reconhecer-nos em tudo que está “do lado de lá dos portões”. (BERTOJA, 2012)

2.2 – Educação e mundo contemporâneo

A educação pode ser considerada um fenômeno social que permeia toda a atividade humana desde seu início, como principal agência de construção da cultura. Muitas das questões que na atualidade fazem parte da educação estão ligadas diretamente às lutas por cidadania e a forma como cada um de nós, seres humanos, encaramos a realidade.

A educação na contemporaneidade, como Bauman, Giroux, Foucault entre outros que a discutem, tem passado pelo processo de hibridização, que Canclini (2006) traduz como um termo mais amplo, porque abrange diversas mesclas interculturais entre os mais diferentes conceitos de fazer educação no cenário nacional. Vale a pena ressaltar que este espaço cada vez mais plural e híbrido têm sido as salas de aula espalhadas por todo o território nacional.

Para Morais (2003) quando a sociedade adormece, a escola sonha. Quando a sociedade desperta para as suas injustiças e fragilidades, a escola se contorce em angústia muda. Hoje, encontramos-nos a um passo da desistência pedagógica, pois angustiamos-nos ante a crise dos valores educacionais. Estes valores educacionais perpassam todos os níveis da educação no cenário mundial.

Para Abramovay (2003), a escola e seus profissionais formam um universo capaz de proporcionar o desenvolvimento do aluno, bem como de criar condições para que ocorram aprendizagens significativas e interações entre alunos e membros da escola. Indiferente do grupo e faixa etária destes envolvidos, o bem-estar de todos, o pertencimento ao espaço escolar, a auto-estima e a participação são aspectos importantes no seu cotidiano que podem dar um significado diferenciado a este espaço educativo.

Abramovay (2003) afirma ainda que é comum a escola rotular os jovens como sujeitos-problemas, ou seja, indivíduos com atitudes e comportamento estranhos à instituição, como se escola não fosse co-responsável pela forma de ser destes. É possível perceber que a sociedade se modificou nos últimos anos, com a construção de uma marcante identidade tanto do adolescente como dos jovens. Essas mudanças atingem diretamente os jovens, que têm um maior poder de negociação. A escola deve mostrar todo o seu conhecimento e autoridade através de um processo de transação diariamente, sabendo quem é

o seu aluno real, valorizando as suas necessidades, interesses e expectativas, ou seja, dando um significado a todas essas aprendizagens cotidianas.

A escola é vista, por muitos jovens, como uma obrigação, algo que é reforçado por alguns pais. Para que ocorra uma mudança nesta maneira de percebê-la, é necessário a ampliação do olhar sobre as práticas e discursos realizados neste ambiente. De nada adianta o jovem estar disposto ao trabalho e a interação com colegas e professores se o professor continua a ter uma prática tradicional, usando somente o quadro e o giz, sem a abertura a um diálogo constante, que favoreça a troca e a concretização de aprendizagens por parte de todos. Para Charlot (2005) à escola é atribuída a obrigação de qualificar os jovens e da obtenção de resultados e isto, para ele, é “acentuar o efeito de continuidade entre a escola e seu meio” (p. 144), existindo, então, uma forte pressão e impactando sobre o fenômeno do fracasso escolar, mais do que um escândalo social e político, um desperdício econômico.

Tendo como base as questões acima elencadas a escola tem sua parcela de cumplicidade até mesmo no fracasso dos alunos. É o que se pode perceber, por exemplo, nas avaliações do Pisa¹. Quando se procede a uma reflexão com base no relatório deste programa de avaliação pode-se observar que existe um consenso de que o desenvolvimento de um país passa necessariamente pelas conquistas na área da educação. Por esse motivo, o Brasil aumentou consideravelmente o investimento público em educação ao longo da última década, passando de 4,3% do PIB, em 2003, para 6,4% do PIB, em 2012. Esse crescimento colocou o Brasil como o país que destina a maior parcela do investimento público para a educação (18,13%), de acordo com o relatório *Education at a Glance 2013*, da OCDE.

Da mesma forma, ao se analisar os índices de repetência do Brasil no ano de 2009, pode-se verificar que este tinha o primeiro lugar com 40,1%, contra 0% na Coreia do Sul. Já em 2012, o Brasil fica com o terceiro lugar nos maiores índices, sendo que a Colômbia passa a ocupar o primeiro lugar, com 40,6%. Fica clara a redução destas taxas de repetência, contudo, ainda tem-se muito a caminhar quando comparado aos índices de 37 outros países.

¹ O *Programme for International Student Assessment* (Pisa) - Programa Internacional de Avaliação de Estudantes é uma iniciativa internacional de avaliação comparada, aplicada a estudantes na faixa dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países.

Ao aproximar um pouco mais estes índices com a realidade do Rio Grande do Sul pode-se observar as desigualdades regionais brasileiras – já bem conhecidas por toda a sociedade –, com pior desempenho nas regiões Norte e Nordeste e melhor desempenho nas regiões Sul e Sudeste, em qualquer que seja a área de conhecimento medida.

Quando se compara nosso país internacionalmente, pode-se perceber e sentir que se tem muito a caminhar e melhorar em diversos aspectos, como infraestrutura, equipamentos educacionais, formação e quantidade de professores qualificados dentro das escolas. Em alguns momentos o Brasil parece estar no mesmo patamar de países mais desenvolvidos como, por exemplo, em questões tecnológicas, em algumas cidades, ou da distribuição de livros didáticos, em outras. Mas, contudo, para que se possa alcançar um patamar elevado na educação e uma melhor utilização destes materiais, precisa-se e muito investir na formação inicial e continua dos professores brasileiros.

Os teóricos têm discutido que, em educação, fecham-se os olhos às novas tecnologias, tentando desta forma, ficar alheios a tudo isso. Isto, porém, é impossível, já que os alunos estão imersos em um turbilhão de informações e conhecimentos, veiculados diariamente através dos meios de comunicação de massa ou disponíveis em internet, revistas e jornais. E essa é uma realidade especialmente presente entre os jovens. Ao invés de tentar excluir-se desta realidade, a instituição escolar deveria estar atenta e preparar-se para lidar com os avanços tecnológicos e com os reflexos que eles possam produzir.

A sociedade brasileira anseia a melhoria da educação nacional e, sendo assim, as escolas precisam buscar alternativas para que tais mudanças possam ocorrer e muito para que isso aconteça, não podendo deixar de salientar a importância de incentivos nacionais para que financeiramente se possa aumentar o investimento na qualidade da educação que está sendo proporcionada aos jovens brasileiros.

Para Charlot (2005), a escola é um espaço onde professores estão tentando ensinar coisas aos alunos e alunos tentando adquirir saberes, entendidos em sentido geral, incluindo imaginação, exercício físico, estético e de sonhos, e esta precisa ser, a meu ver, a definição fundamental desta instituição.

Aprendizagem mútua que pode elucidar, ainda mais, o papel da escola na atualidade, os saberes vem por parte dos professores para os alunos, e vice versa, dos alunos para com os professores. Comunidades de práticas educativas e aprendizagem, onde todos aprendemos, no constante movimento de troca intercultural. Tem-se, assim, o compartilhamentos de saberes e aprendizagens por parte de todos os envolvidos no processo. Quando se transpõe os saberes educacionais, compondo a educação num sentido amplo e geral, precisa-se incluir neste processo questões sobre a imaginação do cotidiano de dentro e de fora da escola, utilizando-os como sentidos das práticas educativas.

As crianças e jovens necessitam do exercício físico e da movimentação de seus corpos dentro das salas de aulas e nos ambientes externos a elas, os corpos não estão, ou melhor, nunca estiveram, preparados para permanecerem por quase que imóveis durante as 4 horas em que se permanece dentro da escola. Cabe ainda salientar que, na atualidade, em virtude de alguns programas e projetos nacionais ainda tem-se a ampliação da carga horária dos alunos, resultando em até 8 horas diárias na escola, em alguns casos. Sobre os aspectos legais e sociais esta ampliação de carga horária só vem a complementar a qualidade da educação pública de qualidade.

Arroyo (2004) observa que poderemos perceber que há uma preocupação por enfocá-los e mostrar com múltiplas linguagens quem são e como vivem as crianças e os jovens. Nesta afirmativa, a visão infantil sobre a infância e a visão jovens sobre as juventudes não se enquadram em trabalhadores de rua, nem na infância e na juventude não vividas, nem na juventude forçada a ser precocemente adulta. Por este motivo nosso olhar deveria ir além ponderando as consequências na socialização, formação e desenvolvimento pleno desses seres humanos. Inclusive seus corpos, e indiferente da faixa etária a que estes pertencem, pois nos dias atuais, muitas destas pessoas circulam momentos numa fase e momentos em outra fase.

Ainda sobre a reflexão de Arroyo (2004) é importante salientar que no imaginário social tudo o que afeta a infância e as juventudes afeta a escola e nos afeta. Porque a sociedade nos vê como profissionais desses tempos de viver humano e sabe que as formas de viver esses tempos condicionam nosso

trabalho. Este trabalho, de certa forma, deve ser diferenciado para dar conta de todas as necessidades pertinentes ao seu sentido central.

Bauman (1998) afirma que,

É a aceitação social de conexões necessárias entre signos e certos significados que faz uma linguagem. Mas a arte contemporânea parece preocupar-se, mais do que qualquer outra coisa, em desafiar, repletar e derrubar tudo o que a aceitação social, o aprendizado e a formação solidificaram em esquemas de “necessária” conexão; é como se todo o artista, e toda a obra de arte, lutasse para construir uma nova obra de arte privada, esperando e desesperando convertê-la numa linguagem consensual e genuína, isto é dentro de um veículo de comunicação (p.132).

A disciplina de Arte oferece um campo excelente para explorar as questões que envolvem a linguagem plástica e visual para as conexões com as diferentes realidades existentes no meio em que estão inseridos os jovens. Atribuir um significado para a experiência em Arte na atualidade pode ser uma possibilidade bastante interessante. Segundo Bauman (1998) a arte e a realidade não-artística funcionam nas mesmas condições, como criadoras e portadoras de significado, num mundo notável por ser simultaneamente afortunado e flagelado pela insuficiência e pelo excesso de significados. São estes significados e signos que dão um sentido diferente para este fazer pedagógico.

Segundo Moraes (2003) a situação deve ser pensada a partir da ideia de que “só poderei fazer grandes coisas após a transformação, mas enquanto ela não ocorre tenho pequenas coisas importantes a fazer” (p.25). Estas pequenas atitudes dizem respeito ao ato de pensar os pequenos detalhes implicados na captação e discussão das imagens no âmbito deste estudo.

Trata-se de pensar pequenas ações que desloquem nossas formas de ver e de sentir o contemporâneo, com vistas a encontrar novos sentidos para a experiência cotidiana, e fazer valer o fato de estarmos tantas e tantas horas dentro da escola. É nesse sentido que temos pensado a educação do olhar, da sensibilidade, a experimentação de novas formas de sociabilidade, também no âmbito desta pesquisa com jovens.

Neste contexto, segundo Hernández (2000), as imagens fazem parte de contextos visuais (históricos, sociais, culturais, etc.) que podem afetar a generalização das qualidades estéticas, já que a visão perceptiva favorece a

percepção dos significados da realidade. Ainda de acordo com o autor, a arte na educação para a compreensão, tem como finalidade evidenciar a trajetória percorrida pelos olhares em torno das representações visuais das diferentes culturas para confrontar criticamente os estudantes com elas, para construções de novas teias do conhecimento.

Todo este trabalho de ressignificação da escola, dos jovens e de suas linguagens é algo extremamente fascinante num universo que busca a ligação de todos estes, tendo como elo a Arte e as mais diferentes tecnologias utilizadas por eles em uma instituição educacional do município de Canoas.

A partir de tais reflexões, tem-se um duplo desafio, por um lado do professor e por outro dos jovens. Boa parte dos professores anseia em ver seus alunos colocados em bons empregos, com retorno financeiro compatível mas, principalmente, tendo a possibilidade de realizar-se em algo que traga satisfação pessoal e profissional. Por outro lado, para os alunos, o término de uma etapa revela o surgimento de sonhos que começam a tomar forma bem como de desafios, certezas e incertezas ficam ainda mais fortes. Nesta perspectiva, Charlot (2005) aponta que a aprendizagem está ligada à mudança pessoal, pois, ao aprender coisas que têm sentido, muda-se a visão de mundo e da vida. Ao aprender coisas que não fazem nenhum sentido, não há aprendizagem, pois serão esquecidas.

Ao tratarmos de questões que envolvem os direitos e deveres de jovens é preciso levar em conta dois grandes documentos, que constituem um marco legal de suma importância. O primeiro deles é o Estatuto da Criança e do Adolescente, que foi instituído pela Lei 8.069 no dia 13 de julho de 1990. Ele regulamenta os direitos das crianças e dos adolescentes, inspirado pelas diretrizes fornecidas pela Constituição Federal de 1988, internalizando uma série de normativas internacionais, como a Declaração dos Direitos da Criança, as Regras mínimas das Nações Unidas para administração da Justiça da Infância e da Juventude - Regras de Beijing - e as Diretrizes das Nações Unidas para prevenção da Delinquência Juvenil. O Estatuto está dividido em 2 livros: o primeiro trata da proteção dos direitos fundamentais à pessoa em desenvolvimento e o segundo trata dos órgãos e procedimentos protetivos. Encontram-se os procedimentos de adoção (Livro I, capítulo V), a aplicação de

medidas sócio-educativas (Livro II, capítulo II), do Conselho Tutelar (Livro II, capítulo V), e também dos crimes cometidos contra crianças e adolescentes.

O outro documento de grande valia é a Constituição Federal, que o próprio ECA já utiliza em sua base. A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, promulgada em 5 de outubro de 1988 é a lei fundamental e suprema do Brasil, servindo de parâmetro de validade a todas as demais espécies normativas, situando-se no topo do ordenamento jurídico. Foi a constituição brasileira que mais sofreu emendas: 72 emendas, mais 6 emendas de revisão.

Os direitos e deveres de nossos jovens estão assegurados por lei, no entanto estas questões devem ser permeadas pelo bom senso, pois o diálogo, a maneira com que a escola, os pais e a sociedade vão trabalhar com estas questões, podem fazer a diferença na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática. Canário (2006) afirma que a escola é um espaço onde deve-se incentivar o gosto pela política, vivendo-se a democracia, aprendendo-se a ser intolerante com as injustiças e exercendo-se o direito à palavra, formando-se, as crianças, “como seres críticos, pensantes e atuantes” (p. 21). Cabe ainda salientar que em nenhum momento de nossa vida temos somente direitos ou deveres, e que estes estão vinculados em relação de interdependência entre si e com as outras pessoas. O que está em jogo na construção de nossos ideais democráticos é bem mais que ideias, mas também formas de ver e relacionar-se diretamente com o mundo. Neste sentido uma educação estética é também condição da própria luta política por meio da educação.

Colocando em foco as múltiplas formas de ver e de ser visto, o ato fotográfico desponta como mais um caminho de problematização da vida, que nos permite, através da mediação técnica da câmara fotográfica, registrar, decifrar, ressignificar e recriar o mundo e a nós mesmos constantemente. Assim, a conquista de habilidades sensório-motoras, o desenvolvimento moral, o juízo estético, as competências sociais, nada disso se encerra apenas em um momento da vida ou do desenvolvimento humano. Somos desafiados constantemente a nos recriarmos e a educação é assumida, francamente, cada vez mais, como fenômeno para toda a vida.

Canário (2006) reafirma esta ideia, ao afirmar que

O homem é um ser em potência que, enquanto inacabado, esta condenado a aprender. Não só não poderia sobreviver sem realizar um conjunto de aprendizagens, como essa aprendizagem corresponde a um processo de construção da pessoa, de atualização das suas potencialidades e características que, precisamente, o definem como ser humano. Nesse sentido, a aprendizagem é um processo de hominização que acompanha cada um de nós do nascimento à morte. (p 26)

Aponta ainda o autor sobre a separação da realidade social, que produziu um efeito de fechamento da escola sobre si mesma. De certa forma, para que tenhamos uma reabertura destas questões que envolvem a escola precisamos urgentemente fazer a ligação desta com a vida real e as questões que são vividas fora destes muros. A instituição educacional sofreu diferentes mutações, passando de um contexto de *certezas*, para um contexto de *promessas* e inserindo-se, atualmente, em um contexto de *incertezas*. Estas incertezas estão presentes praticamente em todas as atividades educativas, assim como as verdades com que, anteriormente, os professores e a escola tinham e que, subitamente, lhes foram tiradas, assim como uma mudança nas relações de poder, que anteriormente eram centralizadas no professor, sendo este o sujeito que detinha o “poder do saber”, sobre todo o conteúdo e a aprendizagem.

Questões que envolvem, por exemplo, a globalização e transmissão de informações através da mídia são algumas das preocupações que fazem parte do dia a dia dos jovens e são responsáveis pela produção de redes descentradas de propagação das informações e dos saberes. Para Farias (2006), muitas transformações têm marcado a vida social nas últimas décadas, como o “desenvolvimento das tecnologias de informação, a globalização da informação e da comunicação, o progresso desencadeado pela aceleração das descobertas científicas e tecnológicas e a mundialização de economia” (p. 24), e estes aspectos têm contribuído para a emergência de padrões de produção e de relação social bastante diferenciados, não ficando a educação fora disso.

A rapidez com que as transformações têm ocorrido na vida pessoal e social dos jovens têm desencadeado várias outras descobertas, de forma extremamente acelerada no que diz respeito às formas de registro utilizadas. Uma destas é a fotografia digital, algo instantâneo e extremamente rápido para

o registro de tudo o que observam, no enquadramento e na forma de olhar. A diversidade do olhar e enquadramento é um diferencial deste registro e tem, muitas vezes como cenário, as escolas. O recreio é o momento mais esperado para que a galera possa fazer o registro de todos os membros do grupo, da maneira que o grupo se identifica e das práticas que os perpassam.

A relação social que se escabele dentro da escola, pode surtir efeitos fora dela como relações de amizade, admiração, amor e outras questões menos “nobres”, como por exemplo raiva, disputa, vinganças, etc.

Segundo Farias (2006) diversos autores referem-se a este momento que vivemos como um “contexto de crise mundial”, dentro e fora do ambiente educativo, que vem colocando em xeque valores e conceitos que compõem o quadro de referência da vida social moderna e, por conseguinte, desestabilizando a função social da educação. Para tanto, pode-se tomar como exemplo as questões familiares de cada um dos jovens, pois há algum tempo atrás a família tinha uma característica nuclear, constituída pelas figuras do pai, da mãe e dos filhos. Hoje, a(s) família(s) não tem mais necessariamente esta configuração; e em muitas situações vivencia-se situações de preconceito, por falta de entendimento ou puramente por razões discriminatórias por parte de pessoas alheias à situação. Novos modos de agrupar-se e conviver têm desafiado educadores em geral, não apenas no sentido de garantir formas de proteção e cuidado de crianças e jovens, mas também no sentido de compreender quais as implicações psicológica e sociais de tais formas de existência e convívio.

Aponta ainda o autor, sobre a acusação feita à escola, de não preparação dos “indivíduos para a sociedade do conhecimento, para a convivência em ambientes cada vez mais informatizados, situações de trabalho em mudança e flexíveis, dominadas pela lógica do mercado competitivo e global” (p. 34), predominando uma desconfiança em relação aos resultados do ensino e colocando em dúvida a educação e sua instituição fundamental, a escola, abalando a confiança social nela depositada. Esta acusação pode ser considerada uma verdade, se a escola não conseguir levar em conta tudo o que ocorre fora dela, produzindo uma cisão entre os “conteúdos obrigatórios” e a “vida lá fora”. No entanto, penso que a escola deve ser muito mais que uma agência de preparação para o mercado de trabalho e para o enfrentamento das

agruras do capitalismo contemporâneo. Sendo ela uma agência social cada vez mais presente na vida dos jovens, precisa constituir-se como espaço de efetiva formação ética e estética das juventudes. Só assim poder-se-ia trazer questões reais para que sejam resolvidas e discutidas na prática cotidiana, dando real sentido às práticas educativas. Na atualidade, a instituição educacional precisa resgatar a simbologia e a confiança que as famílias nela depositavam, cada nova tentativa realizada, como atividades em que os pais são convidados a participar, aos poucos tem trazido um pouco desta confiança de volta. Não se trata da restauração de um símbolo de autoridade obsoleto, pautado na pretensa superioridade da cultura letrada e erudita, mas a restauração da confiança na vida de relação, na construção coletiva, no espaço criativo que se produz a partir do convívio mediado das diferenças que não precisam ser vividas como desigualdades. A trajetória, no entanto, é longa, assim como os desafios, pois, como aponta Arroyo (2010)

a relevância da escola está em que essa imitação, esse diálogo de gerações não se dá de maneira espontânea, como em outras relações e espaços sociais, mas de maneira pedagógica, intencional, cuidadosa. O tempo de escola é um diálogo de gerações programado por adultos que dominam um saber de ofício. (p 54)

Geração após geração, a escola tem buscado alternativas para se recriar e além disso mantém uma capacidade gigante de dentro de sua própria trajetória buscar elementos que vão desde torná-la atrativa, até conseguir realizar o encontro e a congregação de diferentes gerações nesta comunidade. Realizar atividades conjuntas com outras gerações nem sempre é fácil, pois ambas necessitam estar abertas para a construção efetiva desta troca de experiências e aprendizagens mútuas. Aprender a partir dos modos de olhar e sentir dos jovens contemporâneos é um desafio que a escola precisa encarar, se realmente está disposta a recriar-se e continuar fazendo algum sentido para essa parcela da população. Mais que garantir a “empregabilidade” e a inserção nas lutas do “capital”, a escola pode e deve, a meu ver, reativar-se como espaço social de criação e experimentação de novas sensibilidades. Para Charlot (2013) a escola utiliza-se da palavra para tudo transformar em objeto de pensamento e análise, passando do lugar do "EU singular" para o “lugar do EU epistêmico, universal" (p. 190).

Para que se tenham aprendizagens coletivas é preciso, de certa maneira, despirmo-nos de muitas coisas que o corpo acaba levando junto consigo e que passa por um processo de desligamento do EU individual e do investimento nas práticas do coletivo. Comparando, de certa maneira, com os jogos infantis constituiria uma espécie de quebra-cabeça, porém cada uma destas pessoas é pintada e desenhada pelas diferentes gerações que fazem parte desta grande criação coletiva. Nesta perspectiva, aponta Charlot (2013):

“Não há educação se o educando não mobiliza a si mesmo, não faz uso de si mesmo como um recurso, isto é, não entra em atividade. Portanto, não há educação artística se a criança não faz arte: essa é a verdade da corrente contemporânea. Mas tampouco há educação se educando não encontra um patrimônio, isto é, obras, práticas, normas de atividade, que foram criadas pelas gerações anteriores. Portanto, não a educação artística se o aluno fica trancado na sua própria atividade, sem contato com as obras de arte e com as normas específicas que as possibilitaram.” (p.229)

As questões ligadas à experimentação estética são de fundamental importância, especialmente para as juventudes. Os jovens estão, de certa maneira, mais suscetíveis a formas de ver e sentir a realidade diferentemente.

Para Arroyo (2011) experimentar relações sociais, políticas e culturais em que essa riqueza de experiências vão conformando e entrelaçando nossa história podem ser um retrato da nova conjuntura que está sendo recriada a cada dia, em que se enredam a história dos(das) educadores(as) e dos(das) educandos(as) e as experiências individuais e coletivas que marcam suas existências. Nenhuma das histórias, nem dos alunos e nem dos professores, poderia existir se não houvesse o outro elemento, pois ambas são individuais e coletivas ao mesmo tempo.

Da mesma forma, pontua ainda o autor, afirmando que o direito ao conhecimento engloba o direito a permanecermos abertos, sensíveis a essas experiências sociais e o direito a entender seus significados, suas múltiplas determinações e consequências para um viver humano digno e justo na coletividade. Novas formas de consciência emergem de novas formas de sensibilidade, que por sua vez surgem apenas de nossa disposição e abertura para experimentação das relações sociais, com tudo que elas carregam de desafiador, conflituoso, desestabilizador e, ao mesmo tempo, potencialmente criativo.

Nessa mesma linha da diversidade das linguagens e das formas de conviver, é um dos deveres da escola contemporânea trabalhar com questões ligadas à realidade virtual em que estamos inseridos. Trabalhar e criar contextos não significa dar toda a liberdade em orientar os trabalhos e as maneiras com que os conteúdos estão dispostos. É necessário aprofundar os conhecimentos que envolvem a realidade virtual e, para tanto, existe a necessidade da convergência dos diferentes campos de conhecimento para a juventude, proporcionando novos recortes, novas dimensões e novas interações uns com os outros. Surge neste momento um termo bastante utilizado em nossa sociedade atual, que é “inclusão digital”. Incluir não significa apenas colocar junto do que já existe e sim fazer um aprofundamento teórico para dar conta de todo um suporte e uma história, de tal modo que as tecnologias não sejam tomadas apenas em sua dimensão técnica, mas como máquinas produtoras de sentido e de modos de vida.

Muitos dos jovens podem ser considerados “nativo digitais”, termo que é normalmente utilizado para definir jovens que nasceram na era digital, devido a sua experiência na utilização das tecnologias. (Prensky, 2010) Já nasceram rodeados por todas estas questões. Com os professores, na maioria das vezes, isso se dá de forma diferente, pois precisam apropriarem-se destas ferramentas para adequar e qualificar o seu trabalho em sala de aula, tendo sido gerados no âmbito de uma cultura predominantemente analógica.

Temos, de certa maneira, muito a aprender com a chamada cultura digital, assim como os jovens tem para desvendar um mundo novo, estonteante de tantas possibilidades. Trata-se de alfabetizar-se para a cultura digital, sem demonizá-la ou submeter-se de forma acrítica a ela. Sacristán (2007) reforça esta ideia ao afirmar que

A educação pode ser um instrumento para dar consciência desta realidade e ajudar a esmiuçá-la. Este seria o novo horizonte para o moderno princípio de “educar para a vida” que requer agora uma alfabetização cultural mais exigente com um olhar muito mais amplo. (p. 25)

Este olhar muito mais amplo diz respeito também a forma de sentir e perceber o entorno, mas para que os jovens tenham condições de acesso a uma forma crítica de perceber, sentir e pensar o que está acontecendo ao

redor, a escola precisa trabalhar com dispositivos que ultrapassem a mera “conscientização” racional para a análise de conjuntura. É necessário, mais que nunca, provocar deslocamentos mais sutis nos próprios modos de enxergar, de escutar, de estar com o outros. Uma educação favorável à experiência e aos saberes da experiência, na busca por sentido.

Como afirma Larrosa (2002, p.27), numa crítica à mercantilização da educação, em grande medida fomentada por uma elogio desmedido da ciência e da tecnologia, impregnadas de um nefasto utilitarismo pedagógico

Atualmente, o conhecimento é essencialmente a ciência e a tecnologia, algo essencialmente infinito, que somente pode crescer; algo universal e objetivo, de alguma forma impessoal; algo que está aí, fora de nós, como algo de que podemos nos apropriar e que podemos utilizar; e algo que tem que ver fundamentalmente com o útil no seu sentido mais estreitamente pragmático, num sentido estritamente instrumental. O conhecimento é basicamente mercadoria e, estritamente, dinheiro; tão neutro e intercambiável, tão sujeito à rentabilidade e à circulação acelerada como o dinheiro. Recordem-se as teorias do capital humano ou essas retóricas contemporâneas sobre a sociedade do conhecimento, a sociedade da aprendizagem, ou a sociedade da informação.

As políticas públicas educacionais para os jovens precisam urgentemente de sua ampliação, no que diz respeito à estrutura e programas que favoreçam e melhorem a qualidade e permanência dos jovens dentro dos ambientes escolares, para tanto esta abertura precisa partir de todos de todas as esferas e além disso fazer parte das atividades diárias.

Não se trata meramente de “manter” os jovens na escola, “protegê-los” das ruas, “treiná-los” para o mercado de trabalho ou para o tão idealizado mundo da “ciência e da tecnologia”. Mais que isso, precisamos oferecer condições de experimentação da escola como um espaço de efetiva construção de sentidos, onde nossos modos de ver, sentir e conviver estejam em questão com vistas a sua transformação. Isso faz da escola espaço de efetiva formação humana, estética e cultural.

Uma (trans)formação das sensibilidades, para novos modos de vida, implica um resgate da dimensão da experiência humana, como lugar e prática de encontro intercultural, onde sou afetado pelo convívio com os demais e com isso me constituo. Neste contexto, a tecnologia em geral, ou os dispositivos tecnológicos em particular, não podem ser vistos apenas como “novos

recursos” à serviço dos velhos modos de fazer educação. A tecnologia precisa ser tomada em sua dimensão potencial de experimentação dos sentidos, e é nesse sentido que a fotografia foi tratada no âmbito desta investigação. A tecnologia – as fotografias digitais neste caso – à serviço da construção das pautas juvenis, como modo de assumir “a perspectiva dos jovens” acerca do mundo, aproximando-nos dos seus modos de ver e experimentando outras visibilidades que emergiram do próprio exercício de “ver em conjunto” nas rodas de conversa.

Nesta sociedade globalizada em que vivemos, a questão que se coloca é: “haverá espaço para a escola, o professor e este novo aluno?”. Libâneo (2003), afirma que:

ao contrário, pois, do que alguns pensam, existe lugar para a escola na sociedade tecnológica e da informação, porque ela tem um papel que nenhuma outra instância cumpre. É verdade que essa escola precisa ser repensada. E um dos aspectos mais importantes a considerar é o de que a escola não detém sozinha o monopólio do saber. Há hoje um reconhecimento de que a educação acontece em muitos lugares, por meio de várias agências. [...] A escola precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora de informação e transformar-se num lugar de análises críticas e produção da informação, onde o conhecimento possibilita a atribuição de significado à informação (p.25-26).

Provavelmente, haverá lugar para a escola e para o professor. Mas que escola, que professor e que alunos serão estes? Num mundo em constante transformação, escola e professor ainda insistem em permanecer com as mesmas práticas vivenciadas há décadas atrás, onde não se leva em consideração a realidade do aluno, nem suas experiências, onde a preocupação ainda é a de reprodução de valores e conteúdos enraizados historicamente.

Para Costa (2003) há muita coisa a dizer em relação à escola, mesmo quando ela se amplia para fora de suas paredes, para estudar o currículo da mídia, para estudar inúmeros artefatos culturais e pedagogias culturais etc. Este pode ser considerado um grande desafio para a educação brasileira, uma nova reestruturação curricular, onde a ênfase no que os alunos vivenciam seja priorizada.

Em consonância com esta nova forma de aprender, é necessário que o professor também repense sua prática e ressignifique seu papel, de forma a

promover a valorização de sua profissão. É preciso assegurar ao profissional da educação as condições necessárias para que possa bem desenvolver seu trabalho. Isto inclui a valorização do profissional, através da dignidade salarial, a criação de tempos e espaços para que o professor possa realizar suas tarefas dentro do seu horário de trabalho, a disponibilização de recursos adequados e necessários, um processo de formação inicial e continuada de qualidade.

A qualidade da educação perpassa pela profissionalização da profissão de professor, de forma a reconstruir a identidade docente e promover uma nova visão da sociedade e dos próprios professores. Libâneo (2003) reforça esta idéia, dizendo que urge “resgatar a profissionalidade do professor, redefinir as características da profissão, fortalecer as lutas sindicais por salários dignos e condições de trabalho [...] de modo que a profissão ganhe mais credibilidade e dignidade profissional.” (p.65) Para que isso ocorra, o autor reforça que resignificar a profissão docente passa pela reconceituação do próprio profissional sobre seu papel e isso só ocorre através da ação-reflexão-ação.

Nesta mesma perspectiva, Alarcão (2003) afirma que:

As escolas são lugares onde as novas competências devem ser adquiridas ou reconhecidas e desenvolvidas. Sendo a literacia informática uma das novas competências, de imediato se coloca uma questão: a das diferenças ao acesso à informação e da necessidade de providenciar igualdade de oportunidades sob pena de desenvolvermos mais um factor de exclusão social: a info-exclusão (p.12).

Segundo Alves (2005), a escola tradicional se caracteriza por ser baseada em “programas” em que os saberes, organizados numa determinada ordem, são estabelecidos por autoridades burocráticas superiores. Os professores são aqueles que sabem o programa e ensinam. Os alunos são aqueles que não sabem e aprendem. Os professores são ativos, os alunos são passivos. Este é um dos grandes sonhos da educação, ou seja, papéis bem delimitados, o que raramente ocorre no meio pedagógico.

Moraes (2004) reforça esta ideia, referindo que:

Novos instrumentos, novas ferramentas alteram totalmente a cultura ao oferecer novas formas de fazer. No caso da informática e de suas associações com outras tecnologias, estão sendo alteradas as formas

de fazer e, principalmente, as formas de pensar esse fazer. O novo cenário cibernético, informático e informacional não vem apenas marcando nosso cotidiano com modificações socioeconômicas e culturais, vem também mudando a maneira como pensamos, conhecemos e aprendemos o mundo.” (p. 121-122)

Neste sentido, a escola está cada vez mais desafiada a mergulhar neste cenário digital e tecnológico e, além disso, nas culturas juvenis que estão florescendo a cada dia em nossas escolas. Fechar os olhos neste momento, pode ser o mesmo que banir todos estes jovens, seus saberes e suas contribuições para a melhoria gradual da educação no país. Precisamos muito levar em conta todas estas questões, se a escola não quiser sofrer com a situação de “ficar pra trás” num sentido de desconexão com as novas maneiras de aprender, ensinar e conviver.

2.3 – Fotografia e produção de sentido

A fotografia pode ser considerada na atualidade como uma narrativa do mundo contemporâneo, sendo esta mediada por toda a tecnologia que envolve a nossa realidade. Além disso, a fotografia trabalha com diferentes fundos sociais que podem ou não transparecer em suas imagens.

As imagens fotográficas são consideradas importantes elementos na linguagem, sendo esta resultante de um processo de criação; ao longo do processo de criação desta, a mesma é elaborada, constituída e construída técnica, cultural, estética e ideologicamente. Todos estes elementos de formação de uma imagem perpassam o olhar, passam a fazer parte da invisibilidade da imagem. Sendo assim, cada olhar dos seres humanos pode trazer novas construções e significados.

Segundo Kossoy (2007) a documentação iconográfica é uma das fontes mais valiosas para o conhecimento do passado; trata-se, porém, de um conhecimento de aparência: as imagens guardam em si apenas indícios, a face externa de histórias que não se mostram, e que pretendemos desvendar. Este desvendar nas imagens em educação pode ser considerado como uma montagem de quebra cabeça que a cada novo segundo é colocado neste jogo. No universo juvenil, de modo ainda mais intenso, as imagens fazem parte de seu cotidiano diário.

O cotidiano juvenil está repleto de novidades instantâneas e com uma fluidez e rapidez inexplicável para muitos. A rapidez com que tudo isso chega, é processado e devolvido para a rede também em uma fração de segundos é estonteante. Porém nem tudo é processado e vivenciado por nossos jovens. Em grande parte são pensamentos superficiais, e nesta superficialidade faltam elementos fundamentais para o processo reflexivo e para a própria experimentação dos sentidos, que estão longe de ser meros “instrumentos” biológicos à serviço da consciência. Nossos sentidos são parte indissociável da própria construção de nossos modos de ser.

Para Charlot (2013) “em uma sociedade que impõe uma correria cotidiana e uma concorrência impiedosa, a atividade artística corre o risco de não passar de uma compreensão psíquica. Nesse caso a arte torna-se espaço de recuperação, turismo no interior de si mesmo”. (p. 228)

Sobretudo a pressão das altas velocidades no mundo contemporâneo, na busca desenfreada por produtos e resultados, tem feito perdermos a possibilidade de experimentação estética como fonte de construção de nós mesmos. Nesse sentido é que a fotografia digital entre os jovens, mediada por práticas educativas intencionais e bem planejadas, pode ser um recurso valioso para reativação da potência estética do olhar. Educar o olhar, no sentido de abertura para o imperceptível, o inusitado, o estranho, o insólito, de modo que os próprios modos de ver permitam a emergência de novas realidades e novos saberes.

Dentro deste processo investigativo de nossas juventudes as fotografias são consideradas primordiais podendo resultar em uma fonte contínua de informações, na medida em que consideramos a transdisciplinaridade das abordagens, ou seja, uma busca para o entendimento da complexidade do mundo e destas imagens.

Para Kossoy (2007) as representações fotográficas contêm em si informações iconográficas sobre o dado real e, em função disso, são de grande valor para a pesquisa e interpretação nas ciências humanas, exatas e biológicas. A fotografia tem muito a contribuir para a Educação, visto que pode ser instrumento extremamente importante para a tentativa cada vez mais clara de entendimento dos jovens.

Toda a imagem iconográfica sempre será uma segunda leitura, afinal a primeira sempre é realizada pelo fotógrafo, pois foi este que elaborou a representação. Muitos jovens significam de certa forma este documento com a intenção de simples registro de tudo o que está ao seu redor. Estas imagens não podem ser pensadas como um documento neutro, isento de intenções e muito menos valerem por si só. Para Kossoy (2007) não existe documento inocente. A fotografia, assim como as demais fontes deve ser submetida ao exame crítico que a metodologia da história impõe aos documentos. Este olhar criterioso e cuidadoso deve fazer parte desta reflexão em educação.

As imagens fotográficas são codificadas desde o momento em que passam a existir, seja de forma isolada, quando guardadas em uma gaveta, expostas nas paredes de uma instituição, dispostas em álbuns, estampadas em alguma publicação, disponíveis em determinado site da Internet ou compartilhadas em alguma rede social com um determinado grupo de amigos. Estamos sempre diante de um constante exercício de decifração, que para as diferentes gerações pode se tornar um exercício de extrema complexidade.

Para Kossoy (2001) três elementos são considerados essenciais para a realização de uma fotografia: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia. O pontapé inicial que deu origem através de um processo, de um ciclo que se completou no momento em que o objeto teve sua imagem cristalizada na bidimensão do material sensível, num preciso e definido espaço e tempo. A bidimensionalidade pode esconder de certa maneira detalhes de suma importância do enigma construído pelo fotógrafo. Este enigma vem caracterizado por um determinado contexto econômico, social, político, religioso, estético, etc. Essa fotografia pode trazer dentro de si indicações de sua elaboração material (tecnologia empregada) e nos mostra um fragmento selecionado do real, um detalhe que chamou a atenção de um olhar aguçado.

Segundo Barthes (2001) o mundo está cheio de signos e estes têm os mais diferentes significados e a elasticidade de sua simbologia podem ir da uma bela simplicidade a mais horrenda forma de expressão. Decifrar os signos do mundo sempre quer dizer lutar com certa inocência dos objetos. E para os nossos jovens todos estes signos e simbologia despertam muita curiosidade e interesse, permeando muito além das imagens todo o seu significado social e

cultural que está implicado nos processos de identificação e construção dos seus modos de ser.

Decifrar pode ser considerada uma palavra mágica e até mesmo um sinônimo para curiosidade. Com um mundo repleto de novidades para as juventudes, a primeira vez ou a experimentação de alguma coisa tem um sentido muito especial e desafiador para estes grupos. Quando trazemos a palavra grupo este decifrar também perpassa questões que não estão ditas ou discursos não perceptíveis à fala, mas sim na forma do olhar, de dirigir-se ao outro, de calar, enfim. É através das imagens que agregamos valores a todas estas questões.

Para Ciavatta, Barthes e Alves (2004) o ato físico de observar a aparentemente finita multiplicação de imagens e os seus efeitos saturantes é apenas uma parte das nossas experiências visuais diárias. Atos passivos, convenções sociais e culturais podem ser fatores determinantes para os jovens nestas imagens e seus efeitos em seus nos grupos.

As observações dentro das culturas juvenis em nossa sociedade podem estar fazendo uma extrema diferença, claro que com a colaboração destes jovens, para a tentativa do compartilhamento das experiências visuais cotidianas destes grupos. Cada experiência, por mais simples que possa parecer, é um ato de escolha e livre arbítrio do olhar, este olhar que pode levar a novas construções, conexões, reconexões e a outra dimensão do olhar, de ir mais longe, perpassando as barreiras do tempo e pensamento. Conforme Farias (2006)

O sentido de uma mudança é, portanto, constituído pelo sujeito, a partir de um repertório diversificado de ações que articula elementos diversos, inter-relacionando estratégias argumentativas ao contexto cotidiano, ao sentido do trabalho, aos saberes profissionais e à vida. (p 46)

Dentro do repertório de cada um de nossos jovens, principalmente nas questões fotográficas, que produzem sentido para a vida e experiências de relacionamento deles com objetos ou pessoas, a variabilidade destes diferentes elementos podem alavancar diferentes situações para uma reestruturação diária de cada um deles.

Questões profissionais e de vida podem ser amadurecidas ou criadas conforme as experiências que eles tem em diferentes espaços e tempos, as

palavras espaço e tempo para cada um deles pode ter um significado diferente, como para cada um de nós tendo de certa forma uma simbologia para a palavra. O cotidiano pode sim ser alterado a cada momento desta correria do dia a dia, em que a cada instante temos um direcionamento alterado, a rapidez em que temos certezas que vão por água abaixo, pode revelar toda a fragilidade que temos em nossas vidas em nossos cotidianos diários.

O tempo e o pensamento também são duas questões interessantes, tanto no universo das culturas juvenis como no da fotografia. Ambas imortalizam questões para as futuras gerações e a escola tem sido cada vez mais um espaço destas retomadas e discussões. O encontro destas gerações, até certo ponto direcionadas, pois com a obrigatoriedade de matrícula na Educação Básica, os responsáveis precisam garantir o acompanhamento das presenças efetivamente nas escolas, o que, em determinadas faixas etárias, pode ser um resgate constante das lutas juvenis, em diferentes momentos de nossa história.

A incorporação das culturas visuais requer que os pesquisadores educacionais agreguem, criticamente, a noção de investigação e reflexão sobre o que vemos, e como essas imagens são construídas e reconstruídas por todos os participantes de qualquer projeto de pesquisa. Essa reflexão crítica não é mera extensão do velho ditado que diz “uma foto vale mais que mil palavras”. Certamente, tal ditado não é desatualizado, pois ainda serve como explicação para uma experiência imediata para a maioria das pessoas em todo o mundo. No entanto, deve-se notar que, se uma foto vale mais do que mil palavras, para entendê-la, refletir sobre ela ou produzir sentido, precisamos usar mais de mil palavras. Ainda assim, não há nada transparente ou inerentemente verdadeiro no mundo das imagens (CIAVATTA e ALVES, 2004, p.119).

Os autores acima citados retratam de forma expansiva sobre a importância das imagens no contexto atual: a imagem e a importância desta reflexão para o nosso dia a dia.

Quando temos a oportunidade de refletir sobre todas as questões transitórias de conhecimento, necessitamos refletir sobre um processo muito mais amplo e complexo que ocorre em nossa sociedade e conseqüentemente vai refletir ou além disto respingar em cada um de nosso jovens, que de certa

maneira vivem cotidianamente toda esta amplitude de alterações. Segundo Farias (2006)

Vive-se hoje em uma sociedade em mudança acelerada e imprevisível, baseada no conhecimento e caracterizada pela incerteza, descrédito e provisoriedade. Definir rumos torna-se cada vez mais tarefa complexa, pois se sabe muito mais daquilo que não se deseja do que sobre o que se quer. (p 24)

Melucci (1997) retoma uma questão que na atualidade tem sido algo muito explorado e discutido por diferentes teóricos no que diz respeito a liquidez de nossos tempos e de certa maneira sobre como temos reagido a todas estas mudanças. As juventudes têm muito a aprender e ensinar neste sentido, pois da mesma forma que nasceram neste mundo líquido precisam experimentar e aprender todas as suas experiências de vida com constantes mudanças. Para Farias (2006)

Tais transformações têm trazido alterações violentas nos modos de produção, nas formas de experiência e nos padrões de identidade. Jovens, adultos e crianças se deparam cada vez mais com um mundo virtual, dominado pela imagem, onde o consumismo compulsivo e o apego à vivência da cotidianidade ensejam novos padrões de comportamento e valores, formando novas identidades. Torna-se, pois, urgente que as linguagens produzidas pelas tecnologias da informação e comunicação, bem como as visões de mundo que têm, não sejam excluídas da escola sob pena de perder a conexão e compreensão da realidade social contemporânea. (p. 31-32)

O mundo virtual está presente em nosso cotidiano, através de diversos dispositivos que nos circundam. Para os jovens este bombardeio de opções virtuais, promulgada e reforçada pela mídia, tem despertado um desejo tornando estes artefatos objetos de cobiça.

A produção e o consumo de imagens, hoje, não estão ligados tanto ao desejo de aprender e experimentar o olhar, mas muito mais associados à capitalização do olhar por formas de controle que regulam os mecanismos de visibilidade, fortemente agenciados pelos interesses de consumo. As imagens tonam-se objetos de desejo.

Para alguns grupos estes “objetos de desejo” podem diferenciar cada um destes jovens como pertencentes a um determinado grupo, ou ainda incluir ou excluir de outros segmentos juvenis. Tomando como base um exemplo, que

pode ocorrer dentro de um espaço educativo ou até mesmo fora dele, o fato da pessoa não ter determinado aparelho celular pode fazer com que ela seja excluída, pois tem menos conhecimento virtual ou poder aquisitivo, que os outros membros do grupo. Nesta perspectiva, Bauman (2012) coloca que

A identidade pessoal confere significado ao “eu”. A identidade social garante esse significado e, além disso, permite que se fale de um “nós” em que o “eu”, precário e inseguro, possa se abrigar, descansar em segurança a até se livrar de suas ansiedades” (p.46 e 47).

Para Bauman (2012) a velocidade desconcertante do nosso tempo faz com que todas as ideias desapareçam e caíam no esquecimento antes de ter a chance de amadurecer e envelhecer de forma adequada. A rapidez e a superficialidade com que os nossos jovens trabalham com todas ideias e com as quais são alvejados pela cultura da produção ininterrupta de imagens, sem a devida elaboração, é algo que precisa ser reavaliado. A imagem que é constituída através do olhar também é extremamente rápida, porém precisando ser amadurecida através do diálogo constante para que ocorra a exploração e explosão de tudo o que comporta este pequeno retrato que tem o significado para o fotógrafo que contamina o restante de seus espectadores. Para Fischer (2008),

As tecnologias digitais, o uso de aparelho como mp3, telefones celulares e, especialmente a comunicação via sites de relacionamento fazem-nos ocupar excessivamente o tempo, na mesma medida em que essas práticas são desejadas (especialmente pelo prazer da instantaneidade) e relacionadas com um “nada a fazer” (p. 679).

A rapidez com que cada um dos aparelhos é utilizado para a transmissão ou compartilhamento é incrível, assim como instantaneidade e a superficialidade de sua utilização em nosso cotidiano. Fischer nos coloca sobre um “nada a fazer” que reforçaria a impotência do olhar diante da realidade construída pelas grandes máquinas de produção de imagens do capitalismo contemporâneo. No entanto, podemos ir além desta realidade e colocarmos o olhar na via da problematização dos nossos modos de ver. É nesta perspectiva que caminhou esta pesquisa. Nossos jovens lidam diariamente com estas questões e fotografia em função de um arquivo que pode ser guardado e

modificado em determinado momento pode auxiliar na construção ou reconstrução do mapa de vida de cada um deles.

Foi no enfrentamento dessa condição paradoxal da cultura da imagem na qual são constituídas as juventudes, que se construiu a experimentação desta pesquisa com jovens e seus dispositivos móveis de fotografia digital.

A cultura da imagem é ao mesmo tempo extremamente potente, mas pode ser facilmente cooptada pela falta de sentido. Conforme afirma Ratto (2012)

Curiosa e paradoxalmente, essa mesma cultura da imagem em que estamos imersos, onde tudo deve fazer-se signo visual para comunicar algo e para atrair o olhar de alguém, é também a cultura da falta de sentido e do esvaziamento do olhar. A imersão numa cultura da imagem trivializada é “inofensiva, mas, ao mesmo tempo, onipresente, paradoxalmente onipotente e sem importância.” (SANTAELLA, 2006, p. 200) (...) O que estaria em jogo nesse processo é exatamente o fato de o capitalismo contemporâneo servir-se da fácil produção e reprodutibilidade das imagens como modo de oferecer ao sujeito estratégias “facilitadas” de aplacar sua angústia ante o fato de ter que (re)construir-se a si próprio continuamente. A reprodução de imagens, como versões sempre repetitivas de imagens já criadas, acaba por esvaziar o sentido da própria imaginação como atividade criadora. (p.224-225)

Aproximando estas reflexões para o contexto pedagógico se percebe a necessidade da escola se reinventar, absorvendo e aprimorando estes aparatos tecnológicos para o espaço educativo. Afinal, enquanto educadores não podemos perder a conexão ou ainda mais a conectividade com o mundo real, o mundo que está muito além das salas de aulas, das paredes de nossas escolas. No entanto, esse “entrar na onda” não pode representar apenas uma inclusão das tecnologias no contexto das escolas sem uma efetiva mediação pedagógica que permita, justamente, servir-se da cultura da imagem como potência de recriação de nossos modos de existência e fortalecimento de nossa capacidade imaginativa. Do contrário, a escola corre o risco de tornar-se apenas mais um equipamento de saturação de imagens e não um dispositivo de fomento da imaginação.

Também Ítalo Calvino (1990) muito claramente afirmou que:

“hoje somos bombardeados por uma tal quantidade de imagens a ponto de não podermos distinguir mais a experiência direta daquilo

que vimos há poucos segundos na televisão. Em nossa memória se depositam, por traços sucessivos, mil estilhaços de imagens, semelhantes a um depósito de lixo, onde é cada vez menos provável que uma delas adquira relevo.” (p.107)

A escola pode e deve ser uma instância de crítica dessa saturação de imagens a que estamos expostos, mas não como recusa a reconhecer e examinar tal fenômeno. Trata-se de colocar em questão o problema, examiná-lo, discuti-lo e experimentar outros modos de relação com a produção e o consumo de imagens. Não basta acusar a escola de descompasso com o seu tempo e fragilizar ainda mais sua função social, é preciso pensar alternativas e experimentar outras práticas.

Conforme Arroyo (2010),

As culturas, os grupos humanos se tornam viáveis na medida em que conseguem desenvolver práticas, rituais, redes sociais que dêem continuidade a seus valores, representações, identidades e saberes. A sua cultura, redes e práticas de socialização e de aprendizado, de ensino e de educação, que materializam e perpetuam esses processos. Continuidade garantida por instituições e por um corpo de mestres. Não perceber que a escola em todos os tempos e na atualidade se situa nesse mesmo lugar, nessa mesma continuidade, e esperar permanentes rupturas é falta de sensibilidade histórica. É expor a permanentes rupturas a imagem social da escola e de seus profissionais (p. 154).

Quando se traz a ideia de sensibilidade ou, além disto, a falta de sensibilidade histórica dentro dos espaços educativos, é de extrema importância retomarmos questões relativas a história desta instituição, e muito além disto a forma de como eram percebidas as crianças e os jovens. E trazendo um pouco da forma que esta era visto há pouco mais de 20 anos, cada um destes alunos como um objeto ou um receptor de informações e que de maneira alguma poderia fazer interferências sobre o “centro emanador” do saber – o professor! Esta era apenas umas das relações de poder que expõem a fragilidade da escola e a contradição de seus propósitos e suas práticas. Ainda podemos perceber alguns resquícios de algumas décadas de historia. Romper com esta e outras questões que envolvem a escola, crianças em jovens com toda a certeza é romper com uma parte da historia mundial das práticas educativas, fortemente arraigadas em formas disciplinares e

moralizadoras. Arroyo (2010) contextualiza as questões discutidas até aqui, colocando que,

Pensando bem, esses embates não nasceram nas escolas, nem na categoria. Estão postos na sociedade. A mídia e os intelectuais, as diversas linguagens artísticas e as universidades debatem sobre o pensamento único, sobre a cultura, os valores e os saberes, que padecemos, que sufocam nossa sociedade. Cultura utilitarista e pragmática onde não há lugar para outros valores e saberes, outras opções e projetos de sociedade, de infância e de juventude ou de mulher, de ser humanos (p 212).

A imagem da liquidez dos tempos ocupa um lugar importantíssimo na atualidade, mesmo que muitas vezes estejam funcionando como uma máquina de “cegueira”, ou melhor, a imagem pela simples captura da imagem, e para muitos de nossos jovens esta é a real função da fotografia. Trabalhar com a sensibilidade do olhar, a cultura da imagem e a cultura das juventudes foi o grande desafio deste trabalho, pois através do diálogo constante podemos melhorar significativamente esta tríade da imagem, distanciando sempre da “falta de imaginação” e rompendo com as barreiras do olhar. Sendo assim, as escolas precisam adotar uma perspectiva estética da educação, em todas as disciplinas e currículos transversalmente, se não quiserem carregar o peso da “desatualização” por um lado, ou o que seria ainda pior, embarcarem na política da produção e consumo de imagens sem sentido somente à serviço da reprodução do capitalismo. Partilho as reflexões de Arroyo (2011) onde ele argumenta que

O aprender é uma expressão da condição humana à procura dos sentidos, contraditórios, vivos, até dolorosos da experiência humana. O percurso escolar pode ser uma rica oportunidade para encontrar essa pluralidade de sentido no diálogo com a riqueza de conhecimento sociais. Um diálogo enriquecedor entre a diversidade de conhecimentos. (p.133)

Caminhar na educação é um exercício diário para todos os envolvidos nestas comunidades, exercício de paciência, sabedoria, empolgação, alegria e até mesmo de tristeza, pois além de caminhar colhemos os frutos jogados em terrenos que nem sempre são considerados férteis. Mas para que possamos ter um diagnóstico mais específico desta colheita precisamos estabelecer um diálogo constante com todas as partes envolvidas. Um grande diferencial para

que se estabeleça diálogo pode ser o vínculo criado com todos estes “maratonistas”. A juventude reserva sempre surpresas no sentido de diversidade de opiniões e posturas perante a nossa sociedade.

Assim, uma perspectiva estética da educação, por meio da educação do olhar e da experimentação com a produção de imagens e de sentidos, passa por enfrentar uma cultura da imagem que esvazia a nossa própria percepção e capacidade imaginativa, produzindo cegueira e vazio existencial. Segundo Ratto (2012, p.228-229):

a cultura da imagem acaba por produzir uma espécie de desrealização da experiência, onde a vivência da instantaneidade dá lugar a um esvaziamento da própria sensibilidade e da percepção. O sujeito bombardeado pela velocidade com que se impõem as imagens no mundo contemporâneo acaba por reduzir-se, boa parte das vezes, a um mero consumidor em lugar do exercício efetivo de sua capacidade imaginativa. Impedido de existir de maneira própria por meio de sua percepção e sensibilidade singulares, o sujeito sucumbe diante da vivência do instantâneo, que tende a não deixar rastro reforçando o sentimento de vazio.

Mas encontramos em Roland Barthes (1984) ideias que abrem a possibilidade de estabelecer uma outra relação com as imagens, num sentido mais criador e inventivo, efetivamente aberto à atitude imaginativa. É neste caminho que buscamos experimentar a relação dos jovens com a produção e recepção das fotografias, numa tentativa de fazer do projeto do qual participavam, um espaço fértil às experiências estéticas, capazes de provocar algum deslocamento nas formas de ver, sentir e pensar.

Barthes distingue o aspecto mais consciente ou racional de um modo de ver uma imagem, de um outro modo que “vem quebrar (ou escandir)” nossa percepção habitual. Este segundo elemento, diz Barthes (1984), “parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar (...) O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere) e que se coloca como uma ferida: vejo, sinto, portanto noto, olho e penso”. (p.39)

Essa potência da imagem Barthes chama de *punctum*, diferentemente do que chamou de *studium*, que seria um afeto médio, mais ligado àquilo que somos capazes de perceber racionalmente acerca de uma imagem, em geral associado aos modos de ver e interpretar construídos por nossa cultura.

Assim, *punctum* e *studium* seriam modos de relação com as imagens, que alternados vão constituindo nossos modos de ver e experimentar, por decorrência, a própria capacidade de pensar. No âmbito deste trabalho operamos com a ideia de que na cultura da imagem típica de nosso tempo há uma desvalorização da relação estética com imagem, ou seja, as imagens são produzidas e consumidas numa velocidade tão grande, que poucas vezes somos afetados pela força de *punctum* de uma imagem. Na maioria das vezes, ficamos no nível do *studium*, uma percepção reiterativa, rasa, apenas promotora de gosto e opinião, e não efetivamente provocadora do pensamento. Ainda assim, essa dimensão mais racional potencialmente disparada pelas imagens não é de todo indesejável, ela dá pistas, aponta caminhos e, eventualmente, abre para a força de um *punctum*, algo que transborda da fotografia e nos carrega para outros modos sensíveis. A Fotografia é sempre apenas um canto alternado de “Olhem”, “Olhe”, “Eis aqui”. (BARTHES, 1984, p.14)

3. PAUTAS JUVENIS: AS IMAGENS NA RODA DE CONVERSA

AMBIENTAÇÃO E PERCURSO

O município de Canoas, fundado em 1939, possui o segundo maior Produto Interno Bruto (PIB) gaúcho. Vizinha da capital Porto Alegre, a cidade é sede de grandes empresas nacionais e multinacionais, como a Refinaria Alberto Pasqualini (Refap), Springer Carrier e AGCO do Brasil, além de nomes fortes nos ramos de gás, metal-mecânico e elétrico.

A educação tem sido um diferencial no estado do Rio Grande do Sul, comparando com outros estados, principalmente no que diz respeito a qualidade ofertada para nossos alunos. Nossa cidade tem a segunda maior rede de ensino do Estado. São escolas públicas, particulares e três universidades, sem falar nos pólos de educação à distância.

Segundo o site da Prefeitura Municipal de Canoas o município é o mais populoso da Região Metropolitana, com 329.174 habitantes, segundo projeção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para 2005. No Rio Grande do Sul, a cidade só fica atrás de Porto Alegre, Pelotas - zona sul do Estado - e Caxias do Sul, na Serra.

Nosso município está dividido em quatro quadrantes, sendo eles sudeste, sudoeste, noroeste e nordeste. Conforme dados da Secretaria Municipal de Canoas, hoje contamos com 74 escolas divididas da seguinte forma 32 escolas de educação infantil e 42 de ensino fundamental, dentro do ensino fundamental contamos com uma escola bilíngüe.

A pesquisa de que trata esta dissertação foi realizado em uma escola de ensino fundamental, no bairro Mato Grande, localizada no quadrante sudoeste. O bairro teve um crescimento demográfico extremamente acelerado em função

de invasões e das construções no bairro (apartamentos e residenciais). A escola conta com um corpo docente de 45 professores e 12 funcionários (efetivos ou terceirizados), um corpo discente de 748 alunos, sendo 633 do 1º ao 9º ano e 115 alunos da educação de jovens e adultos.

Foram realizados quatro encontros com a duração de duas horas cada um, sendo o grupo de participantes composto por 12 jovens divididos em 3 grupos, com 4 alunos cada, com idades entre 12 e 14 anos.² Todos os alunos integram o quadro efetivo de alunos dos ensino fundamental, sendo que três deles integram o Programa Mais Educação, com atividades regulares em turno inverso.

A pesquisa teve um caráter eminentemente qualitativo, descritivo e exploratório, sem qualquer pretensão de representatividade ou generalização estatística. Teve como procedimentos técnicos de coleta as rodas de conversa (2), a leitura de imagens captadas pelos jovens por meio de fotografias digitais com dispositivos móveis, e as discussões em torno da apresentação, avaliação, seleção e justificativa da escolha de imagens mais significativas no âmbito da proposta desenvolvida. A análise, por sua vez, consistiu na interpretação dos materiais (imagens, rodas de conversa transcritas e registros da pesquisadora) com vistas a compor aquilo que denominou “pautas juvenis”. O trabalho analítico e interpretativo foi orientado pelo marco teórico já apresentado, notadamente os estudos que aproximam cultura contemporânea e juventudes (ABRAMOVAY, 2003, 2009a, 2009b; BAUMAN, 1998, 2012, 2013a e 2013b; CARRANO, 2012; DAYRELL, 2007 e 2010; LACERDA, 2009 PAIS, 2005 e 2012; RATTO, 2012; SPOSITO, 1997), elementos da semiologia de Roland Barthes (BARTHES, 1984 e 2001) e algumas discussões sobre experiência e estética no campo da Educação. (LARROSA BONDÍA, 2002; FARINA, 2008;)

² Apesar de reconhecer a demarcação da faixa etária de 14 a 24 anos para identificar a juventude segundo a UNESCO é a faixa entre 15 e 29 anos que demarcada pela PEC da Juventude aprovada pelo Congresso Brasileiro em setembro de 2010, optamos por chamar de jovens os alunos participantes, sem a preocupação formal com o enquadramento etário. Nosso interesse foi justamente apontar apesar de não estarem rigorosamente nas faixas indicadas, já fazem parte das culturas juvenis, identificando-se e sendo identificados muito mais como jovens do que crianças.

Segundo o Estatuto da Criança e do adolescente (ECA) pessoas entre 12 e 18 anos incompletos são considerados adolescentes, mas o uso deste termo implicaria uma associação à tradição teórica que trata deste momento da vida como tema predominantemente psicológico e biomédico, justo o campo que desejamos evitar em função de nossas alianças teóricas.

A *Roda de Conversa* tornou-se uma alternativa metodológica bastante profícua para a natureza do trabalho. Diferentemente do Grupo Focal, mas guardando grande proximidade com ele em alguns aspectos, a Roda de Conversa é uma estratégia largamente utilizada no campo da educação em saúde, com o propósito de dinamizar as práticas de prevenção e promoção de saúde da atenção básica. Ancoradas na tradição dialógica da educação popular, as Rodas de Conversa deixaram de ser método de in(ter)venção em saúde para tornar-se importante recurso no âmbito da pesquisa social, por permitir uma forte participação dos sujeitos no processo de construção de sentido, marca das pesquisas de participantes de influência etnográfica. Para Mélló, et all (2007, p.30)

Considerando as interações cotidianas como rico material de pesquisa, um recurso metodológico começou a se delinear no estudo sobre práticas discursivas: as Rodas de Conversa. Seguindo por um caminho diverso ao proposto em entrevistas e questionários, que atrelam respostas a perguntas previamente elaboradas como num inquérito, as Rodas de Conversa priorizam discussões em torno de uma temática, de modo a tornar possível dar visibilidade às práticas relacionadas à interação cotidiana. (...) A Roda de Conversa é um recurso que possibilita um maior intercâmbio de informações, possibilitando fluidez de discursos e de negociações diversas entre pesquisadores e participantes. Inicia-se com a exposição de um tema pelo pesquisador a um grupo (selecionado de acordo com os objetivos da pesquisa) e, a partir disso, as pessoas apresentam suas elaborações sobre ele, sendo que cada uma instiga outra a falar, argumentando e contra-argumentando entre si, posicionando-se e ouvindo o posicionamento do outro.

As Rodas de Conversa, grosso modo, sempre estiveram presentes na Educação Infantil, mas sempre associadas ao caráter formativo das crianças pequenas. Sua legitimidade como metodologia de pesquisa tem sido reivindicada por pesquisadores sociais que buscam ultrapassar a formalidade dos Grupos Focais, valorizando a dimensão da informalidade e a dialogicidade do modelo da “roda” como situação social de encontro, partilha e construção coletiva, diminuindo a hierarquia pesquisador *versus* sujeitos de pesquisa. Tal perspectiva parece muito útil às práticas de pesquisa/intervenção com as juventudes.

Desse modo, os encontros consistiram no campo de “coleta e vivência” das imagens, discussões, afetos, lembranças, frases, desenhos, enfim, uma

variedade de formas de expressão que permitiram compor o corpus analítico da dissertação, sobre o qual me debrucei nos meses seguintes para construção das análises.

No Primeiro Encontro denominado de **Sensibilização** foi realizada inicialmente a apresentação da proposta de trabalho, duração dos encontros, e a organização das atividades de cada um dos encontros, tendo num segundo momento a apresentação de cada um dos participantes do grupo.³ Dando continuidade realizamos a sensibilização do grupo no que se refere ao tema central da pesquisa, com foco da discussão nos modos como a cultura atual está “saturada” de imagens e quais as possíveis interferências disso sobre nossos modos de existir e conviver.

Como disparador do processo de sensibilização assistimos ao vídeo intitulado “Fotografia e Vida”, disponível no site do Youtube.⁴ [<https://www.youtube.com/watch?v=WKuZ3rw82x0I>]. Este vídeo traz algumas questões de como a fotografia faz parte da nossa vida cotidiana e o quanto nos vemos envolvidos diariamente pela produção e o consumo de imagens. Na roda de conversa discutimos sobre o significado e a importância das tecnologias e da fotografia na vida de cada um dos jovens e o lugar central que as imagens ocupam no cotidiano. No último momento realizamos a apresentação das orientações sobre as tarefas para o próximo encontro. Com base em nossas discussões iniciais cada um dos jovens deveria trazer 10 (dez) imagens capturadas por dispositivos móveis (aparelho celular, tablet, etc.) para projeção e discussão no próximo encontro. A consigna para produção das imagens foi “registrar imagens que tivessem a ver com seu cotidiano, sua vida, seus interesses, seu mundo...”

O segundo encontro recebeu o nome de “**Roda de Conversa – 1**”.

Tivemos como primeiro momento uma conversa inicial sobre como foi realizar a primeira coleta de imagens e as implicações de fotografar coma

³ Todos os alunos participantes da pesquisa tem autorização de seus responsáveis para a utilização da sua imagem para fins acadêmicos, assim como dos depoimentos. O Termo de Autorização é assinado no ato de matrícula conforme orientações da mantenedora.

⁴ O **YouTube** é um site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet, onde as pessoas podem adicionar seus comentários sobre o que foi assistido dentro da rede. Este site hospeda uma grande quantidade de filmes, documentários, vídeos musicais e vídeos caseiros, além de transmissões ao vivo de eventos.

“tarefa intencional” e não apenas como “hábito”. Posteriormente foram realizadas as projeções por meio do software Power Point (Windows) de cada uma das imagens produzidas pelos jovens em pequenos grupos, de no máximo 4 alunos, para que pudessem aproximar e discutir suas fotografias, selecionando 20 imagens mais significativas para cada grupo.

Os encontros foram gravados e posteriormente transcritos. Durante a atividade dos grupos, algumas questões foram fomentando a discussão e aquecendo o debate: Como você se sentiu junto ao grupo selecionando e discutindo as imagens coletadas por você e seus colegas? Qual a importância da fotografia? O que as fotografias permitiram enxergar? O que muda quando se fotografa pensando no que se está fazendo? Quais as sensações agora, olhando as fotografias? Por que foram escolhidas essas imagens como as mais significativas?

A Roda de conversa 1 foi concluída com uma avaliação do encontro e a possibilidade de registro de suas impressões de modo escrito e também por meio de desenhos. Os alunos mostraram-se extremamente motivados e participativos. Ao cabo do encontro foram dadas as instruções sobre a produção de imagens para a próxima Roda de Conversa, marcada para semana seguinte. Desta vez, o foco das fotografias deveria estar em torno da ideia de “imagens da minha vida, o que faço, como, onde e pra quê...”

O propósito da oficina de produção de imagens do justamente o de fomentar uma relação mais intencional entre os jovens e o uso dos dispositivos móveis, no sentido de favorecer um campo potencial para usos mais criativos e significativos da fotografia no cotidiano. Mais que produzir um inventário de imagens do cotidiano, com vistas a “desvendar” práticas e hábitos, a proposta de fotografar intencionalmente o cotidiano esteve a serviço de tentar deslocar a produção de imagens do lugar “naturalizado” de quem apenas “captura imagens automaticamente” para a condição de quem estabelece critérios, atribui valores, faz escolhas, cria um modo de ver e de dar a ver o que vive e o que é. Nisso consistia desde o princípio nossa ideia de *pautas juvenis*, não como temas ou questões, mas como *sentidos* emergentes da experimentação com a fotografia e sua problematização em espaços coletivos de discussão.

O terceiro encontro foi nomeado “**Roda de Conversa – 2**”.

O entusiasmo foi crescente e adesão dos jovens à proposta parecia ter-se efetivamente consolidado. Iniciamos conversando sobre como foi a segunda coleta de imagens. Foram realizadas as apresentações em PowerPoint de cada um dos conjuntos de imagens. Novamente foram divididos em pequenos grupos, de no máximo 4 alunos, para que pudessem discutir, eleger e unificar as imagens que considerasse mais significativas, totalizando 20 imagens para cada grupo. As mesmas questões balizadoras da discussão na Roda de Conversa 1 foram utilizadas. Como finalização conversamos sobre a percepção de cada um deles de nossos encontros de maneira descontraída, muitos trouxeram lembranças do trabalho realizado em anos anteriores na disciplina de Arte, ministrada por mim. Novamente os alunos avaliaram o encontro, num clima descontraído e cooperativo, onde a necessidade de produzir, apresentar, discutir e selecionar imagens resultou numa atividade de negociação e recriação constante de sentidos. Por se tratarem de alunos de uma mesma comunidade, as imagens produzidas tinham muitas ressonâncias entre si e potencializaram uma construção coletiva de sentidos em torno da vida no bairro, as marcas da “periferia”, as formas de pertencimento, as influências globais, a relação com a escola, as questões ambientais, entre muitos outros temas que permearam as discussões.

No último encontro, nomeado de **Fechamento**, depois de discutirmos e decidirmos coletivamente quais seriam as dez (10) imagens finais utilizadas na pesquisa, oriundas das duas Rodas de Conversa, assistimos ao vídeo que conta um pouco da vida e obra do fotógrafo Sebastião Salgado [<http://www.youtube.com/watch?v=SOQfusK4lZ8>]. Este vídeo contribuiu levantando questões para a reflexão sobre a função social da fotografia no mundo contemporâneo, fomentando a reflexão sobre as possibilidades de recriação e enfrentamento da cultura da imagem na qual estamos imersos, no sentido de encontrarmos modos mais “criativos” de uso dos dispositivos móveis no cotidiano. Que relações vocês conseguem estabelecer entre a nossa “oficina” de fotografias e o trabalho do fotógrafo? Que sentido tem pensar que a fotografia pode ser mais que um mero registro? Será que a fotografia mexe com nosso modo de ver as coisas? E com nosso modo de pensar? Por fim, fora exibidas as 10 (dez) imagens finais selecionadas e o grupo discutiu coletivamente todo o processo. O bom vínculo com o grupo permitiu que o

espaço de trabalho coletivo e as Rodas de Conversa fossem espaços efetivos de encontro e criação. Ficou a promessa de uma possível (futura) “Exposição” das 10 (dez) imagens produzidas e escolhidas pelo grupo, de modo que a conversa possa ultrapassar os limites das “nossas rodas” e atingir outras paragens da comunidade escolar...

LINHAS DE SENTIDO

A partir daqui apresentamos as “pautas juvenis” construídas nas Rodas de Conversa, e analisadas/interpretadas por mim, tendo em vista o escopo teórico construído ao longo de todo o processo. Assim, as 10 (dez) imagens que seguem não são apenas a expressão ou o “relatório” do trabalho das “Rodas” – imagens comentadas – são mais que isso: trata-se do rastro que deixaram os movimentos percorridos pelos jovens em suas andanças pela escola e pelo bairro, com seus dispositivos móveis em punho, e também o rastro dos movimentos do pensamento, deles e meu, na construção de sentidos para as imagens que circularam em nossos encontros. Dar sentido ao que se viu e poder ver diferentemente do que se via. Neste sentido trabalhamos e esperamos efetivamente ter provocado algum deslocamento nos modos de ver, sentir e percorrer os lugares que nos constituem.

Uma experiência estética não pode ser ela própria narrada, mas podemos perseguir seus rastros, dando pistas de por onde andamos na aventura de olhar e inquietar-se, pra longe da miséria do que se impõe à nossa visão na cultura do mercado e do consumo que marca a atualidade.

O valor das imagens aqui apresentadas não reside na estética convencional, na busca de perfeição técnica ou formal, mas na potência de afetar que exerceu, provocando e intensificando nossa capacidade de pensar, não apenas “com a cabeça”, mas de corpo inteiro. Afinal, “no fundo a Fotografia é subversiva, não quando aterroriza, [deslumbra,] perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa.” (BARTHES, 1984, p.16)

Na perspectiva que adotamos para pensar a questão da experiência estética, a educação do olhar, nos vemos diante dessa tensão constante que é ter que falar de experiências que, na maior parte das vezes, não são de fácil tradução para a linguagem acadêmica. A vivência nas Rodas com os jovens

muitas vezes ultrapassa a possibilidade de registro e análise, justo naquilo que Barthes chama de *punctum*, refrindo-se à potência das imagens em provocar nossa sensibilidade e transformar o olhar.

Larrosa Bondía (2007), por sua vez, referindo-se ao próprio ato da escrita diz algo que se aproxima desta mesma ideia.

Escrever (e ler) é como submergir num abismo em que acreditamos ter descoberto objetos maravilhosos. Quando voltamos à superfície, só trazemos pedras comuns e pedaços de vidro e algo assim como uma inquietude nova no olhar. O escrito (e o lido) não é senão um traço visível e sempre decepcionante de uma aventura que, enfim, se revelou impossível. E, no entanto, voltamos transformados. Nossos olhos aprenderam uma nova insatisfação e não se acostumam mais à falta de brilho e de mistério daquilo que se nos oferece à luz do dia. E algo em nosso peito nos diz que, na profundidade, ainda resplandece, imutável e desconhecido, o tesouro. (p.156)

Foto 1 – Parada de ônibus – Um ponto de encontro



Descrição: O ponto de ônibus está localizado em frente a escola, muito dos alunos que utilizam o transporte público, aguardam neste local o horário da condução. Sendo assim o local acabou se tornando um ponto de encontro e passagem.

Uma das questões importantes de salientarmos no âmbito das discussões emergentes é a mobilidade urbana. Nossos jovens utilizam-se das mais diferentes formas de transporte, skate, bicicleta, ônibus, entre outros. A parada de ônibus, acabou se tornando um ponto de encontro de toda a “galera” da escola. Para Simões, Pires e Pozzer (2013) a juventude merece um destaque nos espaços de discussão sobre gestão pública para que estes possam contribuir na inserção do jovem em todos campos sociais. Os jovens tem muito a dizer sobre os mecanismos de organização e funcionamento do

espaço público, mas na maioria das vezes não encontram mecanismos de efetiva participação.

O espaço urbano é dotado de significados atribuídos por esses jovens no trânsito e ocupação cotidianos, transformando-se em lugar dotado de sentido e importância. Torna-se uma referência importante, pois evoca relações afetivas e subjetivas que podem auxiliar na relação do sujeito com o seu espaço de vida. (SIMÕES, PIRES e POZZER, 2013, p.123) O ponto de ônibus na frente da escola não é meramente mais um ponto na rede viária de transporte público da cidade. É lugar com significado, de encontro, de memória, de afeto e de relações. Não por acaso está “marcado” pelos signos dos jovens, que deixam ali seus rastros, suas marcas, num apelo por reconhecimento.

Na maioria das vezes tais “marcas” são significadas como sujeira, vandalismo, descaso, desordem. No entanto, é possível imaginar que tais formas de inscrição de signos responde a uma vontade de inscrever-se no lugar, fazendo dele “espaço” de pertencimento e visibilidade. (CERTEAU, 1994)

O nosso grupo gostou desta foto porque fica na frente da escola e cada um que vai chegando, espera o outro para trocarmos uma idéia, saber o que vai rolar de tarde, o que fizeram ontem. Ali é muito bom de ficar... é “nosso”. Aquela parada tem história. (aluno 1)

Dando continuidade Guimarães e Duarte (2011) colocam-nos que o espaço urbano interfere diretamente e de maneira extremamente significativa no modo com que os jovens vivem e convivem no cotidiano da contemporaneidade. O espaço físico pode ser transformado e acaba sofrendo um processo de mudança contínuo, uma vez que todo o seu significado para os grupos sociais, em especial para os nossos jovens, é recriado em função dos modos de ocupá-lo. Os jovens muitas vezes são vistos como “perigo” à integridade dos espaços urbanos, desconhecendo-se com isso que sem eles, os lugares não chegam constituir-se efetivamente como espaços vivos e de interação. Formas mais ou menos “civilizadas” de ocupação dos lugares públicos não implicam apenas “obediência aos códigos de civilidade” estabelecidos a partir da racionalidade urbanística ou estatal, mas implicam a construção de formas de negociação, onde jovens precisam ser ouvidos e

reconhecidos a partir de suas perspectivas de visão e experiência da própria cidade.

Complementando, Campos (2010) salienta que a identidade pessoal e cultural é nutrida diariamente pelas mais diferentes áreas, situando o indivíduo e os grupos em sociedade. “É neste circuito que tanto a identidade como a representação se vão mutuamente enredando e metamorfoseando.” (p.119) até o momento em que o espaço toma forma e toda a simbologia que é absorvida por ele e pelos grupos sociais envolvidos.

Cada um de nós enquanto membros da sociedade precisa buscar a cada dia subsídios que permitam perceber mais profundamente o universo juvenil seus diversos modos de ver, viver e até mesmo segundo Pinto (2012) entender o significado que dão às suas ações quotidianas, salientando ainda maneiras de buscar as concepções de mundo e do contexto social em que estão inseridos, dando ênfase ao trabalho educativo, seus espaços e seu entorno.

Bom, quando começamos a falar desta foto da parada de ônibus a primeira coisa que nós conversamos é do colega (fulano) que pega o ônibus pra voltar pra casa, quando o ônibus atrasa, a gente aproveita pra zoar da cara dele. Ficamos tirando com ele... Daí já acham que a gente tá criando confusão, que vamos destruir a parada. Mas não vamos destruir o que é “nosso”, né?! (aluno2)

A interpretação das atitudes dos jovens com base no dispositivo do “risco”, construído a partir de códigos de civilidade distantes das culturas locais, faz com que muitos grupos juvenis sejam vistos como ameaça à ordem e “bom funcionamento” dos espaços públicos. Signos de “parceria” e “confiança” no interior do próprio grupo, como o “zoar da cara” de um colega ou “ficar tirando” são assumidos como risco, diante do que se reforçam atitudes repressoras ou “preventivas” de policiamento dos espaços públicos em torno das escolas, num claro movimento de defesa do lugar público instituído pela racionalidade burocrática do Estado. Proteger o “público” a qualquer custo, mesmo que isso envolva justamente desconhecer e invalidar as formas de significação da própria população usuária dos equipamentos ou serviços.

Para Gonzáles (2008) a juventude ora é vista como uma grande geradora de problemas em outros momentos passam por um processo de vitimização, entrando em pauta das discussões dos grupos de adultos que se

sentem obrigados a encontrar a melhor alternativa “para” eles, e não “com” eles. O autor ainda complementa sua ideia trazendo que temos, e principalmente os jovens tem, a vivência em experiências concretas e imediatas, sendo estas particulares e inseridas em diferentes tempos e espaços que precisariam ser respeitados, pesquisados e reconhecidos, como forma de legitimação da dignidade de seus gostos, preferências e modos de vida.

O nosso grupo também falou que é um lugar que vamos chegando e conversando, até a hora que bate o sinal pra gente entrar pra sala, sem falar que a professora (Fulana) fica só cuidando a gente e quem tá de uniforme lá na parada. (risos) Ali a gente fala muita coisa importante! Se ficar zoando, vão ver que é do colégio, porque tá de uniforme. (aluno 3)

Ao mesmo tempo que podemos perceber as questões de “vigilância” na fala deste aluno referindo-se à prática da professora ao tentar “preservar a imagem da escola” pelos alunos uniformizados fora dos portões da escola, também percebemos novamente o valor dado ao encontro, à sociabilidade informal, à importância do relacionamento entre os jovens que “vão chegando e vão conversando”, sobre os mais diferentes assuntos, julgados por eles próprios como os mais importantes. É neste momento, possivelmente, que circulam os temas mais “importantes” da vida desses jovens, aos quais a escola de modo geral fecha seus portões.

Já falaram quase tudo, mas nós também vamos chegando e nos encontrando na parada, tem uns colegas da turma que vem de ônibus, professor também, daí a gente espera a galera ir chegando, quando bate vamos todos pra sala. Bah, daí não pode mais conversar... Professor chega e já entra direto, a gente fica ali até bater. (Aluno 4)

Podemos considerar até o momento a fala de cada um dos alunos, como uma fala carregada de informações importantes não só para o conhecimento do grupo e da maneira com que eles percebem o que acontece a sua volta. Ratificando a importância de uma escuta escolar mais sensível ao que acontece do lado de fora dos seus portões, e na maioria das vezes “ao costado” deles, Guimarães e Duarte (2011) afirmam que as “práticas educativas realizadas pelos próprios jovens em diferentes espaços se

caracterizam pela diversidade, na qual diferentes agentes se encontram e constroem novas formas de se relacionar entre si e com o mundo” (p.153) Esta nova e ao mesmo tempo velha relação de coleguismo e parceria, construída às margens da escola, é constituída por cada um de nós que também já fomos alunos e sabemos o quão importantes são os temas e acontecimentos que antecedem a ultrapassagem dos portões da escola. Muitas vezes é como se a vida precisasse ficar “do lado de lá” dos portões.

Foto 2 – Cigarro – o que entra e o que não entra na escola



Descrição: Esta imagem foi capturada na frente do “Posto de Saúde” do bairro, que também fica localizado em frente à escola, a questão do cigarro é algo que chama bastante a atenção dos jovens.

As questões que envolvem o uso de drogas e o consumo do tabaco especificamente tem tido uma repercussão bastante grande na sociedade em geral, não somente por questões de saúde, mas além disso também no que se refere ao impacto ambiental. Na fala de um dos alunos fica bastante clara esta afirmativa:

Tem muita gente que fuma e acha bonito, na minha casa meu pai e minha mãe fumam, tudo fica fedorento, já pedi pra eles pararem, mas parece que eles não me escutam. (Aluno 1)

Mas a bituca tá bem ali do lado do “postinho”... porque até as enfermeira fumam. Aqui do outro lado do muro do colégio também.
(aluno 3)

As questões ligadas à hierarquia entre os saberes de adultos e jovens vem sofrendo fortes alterações. De um lado, vemos adultos reconhecerem a possibilidade de trocas e aprendizagens cooperativas, enquanto de outro, muitas vezes, vemos o enfraquecimento exacerbado das figuras adultas de autoridade, contribuindo para a dificuldade de orientação dos jovens diante de seus possíveis projetos de vida. Para Schwertner e Fischer (2012) “assim, por exemplo, pais admitem aprender com os filhos, adultos por vezes parecem não ter qualquer problema em afirmar que as crianças e os jovens ensinam-lhes coisas novas.” (p.404) Neste bate papo com as diferentes gerações temos muito a aprender e ensinar uns com os outros.

O espaço do debate e da diálogo precisa estar no interior das escolas e dentro do seio das famílias, para que ocorra de fato uma construção coletiva de sentidos. Nem sempre este trabalho é realizado. Segundo Dayrell, Gomes, e Leão (2010), alguns resultados de pesquisa demonstram que quando criamos dentro das escolas este espaço para o diálogo mais franco e aberto, como o que ocorreu nesta pesquisa, temos os seguintes temas sendo discutidos: “a questão político-eleitoral, HIV, sexualidade, drogas, violência, direitos humanos, projeto político-pedagógico da escola, regras, disciplina e formas de avaliação e, por último, a questão urbana, como os problemas do bairro e da cidade.” (p.248). Diferentemente do esteriótipo de que o jovem contemporâneo não está disposto a pensar ou discutir os temas de sua realidade, os jovens discutem e se posicionam, mas isso demanda o desmonte dos preconceitos que fazem muitas vezes enxergá-los como perigosos, debochados, insolentes, entre tantos outros adjetivos que reforçam a ideia de periculosidade juvenil. (LACERDA, 2009)

Para Carraro (2012):

Uma das mais importantes tarefas das instituições, hoje, é contribuir para que os jovens possam realizar escolhas conscientes sobre suas trajetórias pessoais e constituir os seus próprios acervos de valores e conhecimentos que já não mais são impostos como heranças familiares ou institucionais.(p.86)

A “bituca” de cigarro em frente ao posto de saúde parece colocar em questão novamente as tensões e contradições entre o que “entra e o que não entra” no discurso oficial das instituições e dos equipamentos sociais da comunidade. Os jovens que são, em grande medida, alvo das campanhas de prevenção ao uso de álcool e outras drogas parecem denunciar o quanto o tema não entra em pauta, ou como é tratado quase que exclusivamente por mecanismos repressivos e pouco favoráveis ao debate franco e aberto.

Sora! lembra que num trabalho que nós fizemos no ano passado com as fotos daquele grupo de São Paulo, que também fizemos estas fotos de cigarro... porque dentro da escola não podemos fumar, mas sempre tem gente que fuma! Mas a gente faz de conta que não tem... Mas assim tem muita bituca de cigarro rolando pelo chão, nós achamos que isso precisa melhorar na nossa cidade. (aluno 2)

A foto faz a gente enxergar o que as pessoas não querem ver. (aluno 10)

Tradicionalmente temos pretendido “higienizar moralmente” os espaços educativos com a expectativa de garantir modelos ideais de identificação e convívio. Ocorre que tal estratégia parece vir reforçando historicamente a dissonância entre os discursos que propagamos e as práticas que efetivamente nos constituem. A perspectiva de uma formação estética vai justamente em sentido diverso. A transformação de nossos modos de existir e conviver não se garante pela oferta de modelos adultos ideais, em sua grande maioria desbancados rapidamente pela forma como a informação e a comunicação fazem correr os fatos mais corriqueiros da vida cotidiano (via redes sociais, por exemplo). Dá-se, isto sim, pela experimentação e pela crítica possível dos diferentes modos de existir, com o concurso da nossa sensibilidade, e não distanciando-nos dela.

Nossa formação estética dá-se através da diversidade de imagens, performances e discursos que a sustentam, e que povoam nosso cotidiano. Dá-se através de como nos afetam e de como reagimos a isso. Segundo Pardo (1991), tanto a ação das imagens (sejam visuais, metafóricas, musicais...) sobre nossas maneiras de ver e viver as coisas, como nossas maneiras de narrá-las, configuram nossa experiência estética. De fato, a experiência estética produz-se em meio a essas imagens e discursos, e de nosso exercício diário com eles. Nossa experiência estética constitui-se do conjunto de aprendizagens sensíveis e conscientes das que lançamos mão, ainda que sem dar-nos conta, para ver e responder ao que nos acontece. (FARINA, 2008, p.100)

Nossos alunos precisam de tempo e espaço para que participem de projetos e discussões reais de tudo o que acontece à nossa volta. Neste sentido os grupos podem estabelecer e sinalizar quais os pontos que precisam de uma ênfase maior, desde que haja espaço para o diálogo franco e aberto. Para Gil (2012, p.13) nossos “jovens não querem perder sua individualidade” no trabalho a ser realizado estabelecem maneiras de “participação social pouco ou nada institucionalizadas”, o que pode oferecer diferentes benefícios para o trabalho a ser realizado. Na busca de identificação e conexão com as pautas levantadas por nossos jovens temos a contribuição da fala do aluno 7 que diz:

No nosso grupo pensamos e conversamos sobre a poluição que podemos causar não só pra nós mas para todas as pessoas, e até mesmo algumas coisas de saúde que podemos prejudicar, sem falar nas figuras que tem nas carteiras de cigarro que são horríveis. (aluno 3)

Fiquei até me sentindo mal de ver a foto. (aluno 4)

Mas nem todo mundo fica como aparece na foto. (aluno 11)

Para Dumke e Ratto (2013) há que se construir uma ética da hospitalidade à diferença, de modo que não sejamos apenas reféns do consumo ininterrupto e fugaz de informações. A reinvenção de nossas relações com o mundo e com nós mesmos passa por recriarmos uma relação com próprio corpo, com a natureza e com os demais, de modo que a busca ética por uma “vida boa” não seja apenas a obediência aos padrões morais, educacionais ou sanitários vendidos pelas grandes máquinas de comunicação, mas um modo singular de relacionar-se consigo mesmo e com os demais. Os jovens certamente podem beneficiar-se muito mais de espaços de experimentação sensível e discussão dos temas candentes e de interesse, do que das intermináveis preleções pedagógicas sobre a “melhor maneira de viver” ou ainda, dos fugazes e bem embalados “kits” de sobrevivência vendidos pelas grandes mídias.

De acordo com Gonzáles (2008):

Nessa conformação presente das relações atuais, desponta com vigor o caráter efêmero e mutante do que vem a ser consumido, sejam coisas, idéias, “atitudes” ou comportamentos, entrecruzados com o mesmo vigor com que se desenvolvem as tecnologias que operam na produção e sustentação do cenário atual. (p.478)

É diante da dureza e do peso das velhas pregações morais, mas também diante da leviandade e fugacidade dos apelos publicitários que precisamos nos erguer, criando espaços e práticas formativas que permitam o tempo necessário de construção de ideias e valores, efetivamente oriundos de uma sensibilidade estética que reconhece o outro, é afetada por ele, e constrói juízos, ainda que provisórios, a partir dessa tensão.

Nesta composição de cenário juvenil e mundial onde tudo ocorre com uma rapidez tremenda, o uso das tecnologias tem sido um grande diferencial, para a divulgação e disseminação de pensamentos e ações, principalmente por parte dos jovens, que tem mergulhado de cabeça nestas questões. O trabalho de abertura de diálogo e aprendizagem com diferentes gerações necessita ser diário e constante para a real construção de modos de existência que convenham à vida em suas diferentes formas de expressão.

Foto 3 – Lixo no chão – foto para ver o invisível



Descrição da imagem: Esta imagem foi capturada na frente do Posto de Saúde do bairro, que também fica localizado em frente à escola. A questão do lixo também é algo que chama bastante a atenção dos jovens e ocupou nossas Rodas de Conversa. Além disso as sacolas plásticas são uma outra situação que os preocupa bastante em função dos alagamentos recorrentes na comunidade.

O trabalho de conscientização ambiental precisa ser realizado de forma contínua e sistêmica, assim como ações que trabalhem com estas questões dentro e fora da escola como um cuidado planetário. Para nossa reflexão inicial da fala coletada nas Rodas de jovens trazemos a contribuição do aluno 1:

Essa função do lixo já melhorou na escola, mas na rua ainda precisa melhorar, tem muita gente que recolhe o reciclado, mas nem todo mundo coloca no lugar certo, tudo daí fica jogado, por não recolhem tudo. (aluno 8)

As questões de consumo tem tido um destaque bastante grande e por parte da maioria das empresas ainda não percebemos uma preocupação com relação ao descarte correto para todo o lixo que é produzido. Para Carraro (2012) se trata de uma via com mão dupla, ou seja, de um lado tem o que os jovens herdaram principalmente de seus pais, mas de outro a “capacidade de cada um construir seus próprios repertórios culturais.” Dentro das práticas significativas realizadas pelas escolas podemos perceber a grande capacidade de nossos jovens com relação ao poder de negociação e a qualidade de seus posicionamentos dentro das proposta de debate.

Para Carraro (2012):

Na juventude e em seus comportamentos singulares estariam contidas as omissões, as contradições e os benefícios de certa configuração social de vida histórica e transitória que, ao esgotar-se, dilapidaria seu potencial humano e nele investiria suas perspectivas de sobrevivência. (p.90)

A questão do lixo está diretamente ligada a forma como o ser humano percebe o mundo, a maneira com que desenvolve as expectativas de vida e a maneira como tem descartado o lixo e muitas vezes a maneira com que faz o reaproveitamento deste. Estas afirmativas de certa maneira traduzem a maneira com que gerações tem tido ou não cuidado com estas questões. Nossos jovens demonstram claramente a sua preocupação e tem tornado a escola com uma das bases de discussão sobre este assunto. Para Campos (2010) a juventude não tem servido apenas de inspiração para as imagens que estão sempre produzidas, mas as imagens tem servido de produto sociocultural para as discussões em nossa sociedade e para a construção das próprias

juventudes. As atitudes bem sucedidas na escola podem ser compreendidas pela fala do nosso aluno 2:

Na nossa sala nós separamos o lixo mas sempre tem gente que coloca no lugar errado, na cidade também, mas tem gente que mora perto da escola e junta e separa o lixo. Ah, tem de tudo. (aluno 2)

Em seus grupos sociais os alunos buscam constantemente o seu reconhecimento pessoal e social, buscando ações estratégicas para a construção de um planeta a cada dia com atitudes mais sustentáveis. Dentro deste ambiente sustentável a cidade tem assumido um papel de extrema importância nas questões de divulgação e ações para a melhoria da qualidade de vida de todas as gerações. Para tanto a mídia tem assumido um papel de informação bastante grande e fotos como a desses alunos com um olhar específico são de grande valia para este trabalho de transformação das condutas. Este trabalho de divulgação tem sido realizado pela mídia e nas escolas como podemos observar na fala do aluno 3:

No Mais Educação conversamos sobre esta historia do lixo, mas ainda tem muito lixo que fica jogado pelo chão de toda a escola, ainda precisamos melhorar isso, pra ajudar o tio e as tias da limpeza. (aluno 3)

Bah, a foto chega a dar nojo. Pode ser que aí as pessoas aprendam. Porque falar só eu acho que não adianta. (aluno 6)

Tinha que ter o cheiro na foto. (aluno 12)

Ninguém pára pra olhar, mas se a gente mostrar na foto eu acho que páram. (aluno 4)

O Programa Mais Educação faz parte do Governo Federal que em suas bases tem a promoção de uma educação de qualidade para todos os jovens no Brasil assim como a ampliação da carga horária diária de nossos alunos. Com esta ampliação de carga horária temos uma abertura significativa de diálogo nos espaços educativos que pode ser efetivamente aproveitada para o trabalho de formação cultural e ética dos jovens. No entanto, tais práticas precisam estar orientadas no sentido de não meramente reproduzirem as rotinas escolares, e sim investir na formação integral por meio de dispositivos que ajudem a fazer sentido estar na escola por mais tempo. Para Guimarães e

Duarte (2011) a constituição das culturas são processos que são realizados de forma simultânea, assim como toda a “produção simbólica objetivada em instituições sociais, valores, normas, crenças, e como processos de subjetivação que configuram singularidades de agentes sociais.” (p.145). Toda esta produção simbólica pode ser percebida no trabalho que é realizado dentro das escola e que tem uma repercussão também fora do ambiente educativo.

As experiências estéticas, no sentido que defendemos aqui, consistem justo em experiências capazes de provocar um deslocamento do olhar, da sensibilidade, impactando assim sobre as formas de compreender a própria condição no mundo. Trata-se conforme afirma Farina, de “um desdobramento da experiência que afeta as formas da percepção e da cognição de uma subjetividade. Isto é, podemos pensá-la como uma experiência que transtoca as formas de ver e de dizer de um território existencial e que, por isso, pode alterar suas formas de entender o que lhe acontece.” (FARINA, 2008, p.12)

Foto 4 – Portão da escola – Um passagem secreta



Descrição da imagem: Este é um dos portões da escola, uma das entradas da Instituição de Ensino. Por este portão se dá a entrada e saída de toda a comunidade escolar. Além disso, todo o controle segurança passa por aqui. Este portão já existe na escola há 20 anos, quando ocorreu a última ampliação.

Este portão tem um significado “mágico” para os alunos, professores, funcionários e toda a comunidade escolar do bairro. Toda esta simbologia está ligada à entrada e abertura para o ambiente escolar. Para Dayrell, Gomes e Leão (2010), mesmo com condições adversas a escola pública ainda pode ser considerado um “espaço de realização de atividades coletivas para a juventude pobre possibilitando algum nível de participação juvenil.” (p.247) Neste sentido esta escola de bairro absorve todos os níveis e classes sociais.

Grosso modo, os jovens gostam de estar na escola, especialmente quando podem experimentar outras rotinas, diferentes daquelas que constituem a sala de aula regular.

É muito chato ver o portão da nossa escola fechado. Ele é fechado para quem vem sem o uniforme, aí é toda uma função vai até em casa trocar, ou então espera a professora sair e entra disfarçando. (aluno 5)

Quando não dá pra entrar de um jeito eu entro de outro. Tem sempre o lance do uniforme. (risos) (aluno 7)

Dentro de algumas das normas estabelecidas pela Prefeitura Municipal de Canoas temos a Lei 5513/10 | Lei nº 5513 de 22 de junho de 2010 que estabelece o fornecimento gratuito para todos os estudantes do ensino fundamental assim como a obrigatoriedade de uso em todos os estabelecimentos de ensino fundamental. Em muitos momentos o uniforme é alvo de discussões e resistências por parte dos jovens. No entanto, isso não inviabiliza que eles “entrem de outro jeito”, marcando suas singularidades e driblando a norma institucional.

Para Melo, Souza e Dayrell (2012) o processo de constituição dos alunos, no caso os jovens, acaba muitas vezes deixando toda a realidade vivida e experimentada “para fora dos portões da escola, uma vez que a escola não busca dialogar com as experiências que ele traz consigo, além de haver uma tentativa de negar a condição juvenil dos alunos, expressa, por exemplo, na proibição do uso de bonés.” (p.173). A proibição seja ela qual for, caso não bem fundamentada e explicada, acaba sendo uma proibição apenas pelo ato de proibir. Os jovens possuem uma tendência muito grande em buscar quebrar toda e qualquer regra e de certa maneira esta quebra os inscreve “à força” na instituição.

Quando ela viu eu já tava lá dentro mesmo. [risos] Depois me colocaram pra fora, mas daí eu já tinha entrado. Mas até a professora riu. Riu sim que eu vi! (aluno 7)

Pena que a gente não tirou uma foto. Agora já era. Nunca mais. [risos] (aluno 2)

A fotografia referida acima parece ser sentida como “possibilidade” de duração, de marcar o insólito, o inusitado, o transgressivo. Possibilidade de fazer aparecer e durar o que foge às normas, que dribla as regras e se oferece como motivo de riso e alegria. A alegria do instante, aquilo que a escola como instituição luta por “uniformizar”. Conforme Barthes (1984), a “fotografia reproduz ao infinito o que ocorreu somente uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente.” (p.13)

Nesta perspectiva a escola tem sido um campo minado de regras e convenções de nossa sociedade, muitas delas passam de gerações em gerações e necessitam urgentemente de uma revisão. Segundo Dayrell, Gomes e Leão (2010) a escola, neste sentido, ainda não é a instituição “ainda não é a escola desejada e esperada pelos jovens, principalmente os pobres.” Mas para que ocorra uma mudança significativa os jovens que habitam nesta instituição “precisam ser vistos, ouvidos e considerados para além dos estereótipos sobre a juventude já construídos social e culturalmente.” (p.251)

Para outro jovem o portão fechado tem um significado diferente:

O pior é quando a gente quer ir buscar um lanche na hora do recreio e não consegue. Mas com certeza a foto foi tirada depois da aula porque ele quase sempre tem gente perto. Tem sempre gente perto esperando pra entrar e sair de fininho... (aluno 2)

O jovem sinaliza que há um constante jogo, uma tensão, a alegria de uma brincadeira de passar de dentro para fora, e vice-versa. A escola é pelo que encerra, mas também é definida pelo que deixa escapar. As pretensões de uniformização não soterram completamente as possibilidades de inventar outros modos, outros jeitos, passagens secretas para dentro e para fora. Cada vez menos “o portão da escola” consegue dividir os mundos de dentro e de fora, e isso parece emergir com força nas discussões sobre a fotografia em questão. Os alunos gostam da escola, mas não da sala de aula.

Sempre quando a gente passa na frente da escola, ainda mais quando não tem aula dá maior vontade de entrar, mas quando a gente lembra do bagulho de aula, támo fora. A foto foi tirada no horário de meio dia que tem gente que fecha e fica cuidando do portão. (aluno 3)

Rosa afirma (2011) que na visão de muitos professores, esse aluno é cada vez mais um estranho, o que teria levado os australianos Bill Green e Chris Bigunm a perguntar se existem “alienígenas” em nossas salas de aula. Alguns professores parecem responder que sim, sem nenhum pudor. Mas “eles chegaram para ficar, com seus sons e imagens. Com esses aparelhos tecnológicos, que muitos de nós, professores, educados na era dos impressos, desconhecemos suas funções e utilidades.” (ROSA, 2011, p.6)

Os portões que separam a escola do mundo estão cada vez mais esburacados por “passagens secretas” nem tão secretas assim, e cabe a nós professores e adultos, assumir que não é mais possível manter nossas pretensões de isolamento e distância.

Em nossa sociedade contemporânea, diferente de outras épocas, esses encontros se transferem rapidamente para o ambiente extra-escolar, ou seja, os encontros se ampliam para outros ambientes urbanos. Shoppings, praças, bares tornam-se uma extensão do mundo escolar. O rápido desenvolvimento tecnológico permite como nunca a redução dos espaços e tempos. O contato em sala de aula continua em um ambiente virtual por meio das redes sociais, onde é possível postar vídeos, músicas, fotografias e textos. Essa troca de informações serve como ponto de partida para identificar gostos semelhantes, preferências musicais e estilos de viver. (ROSA, 2011, p.6)

A incerteza é uma das palavras que compõem o universo juvenil, seja ela nas questões do grupo, na escola, na família ou na sociedade. Ao mesmo tempo que os jovens querem estar na escola para as diferentes trocas com os grupos, estar na escola com uma série de questões e atribuições para serem desenvolvidas de certa forma incomoda nossos jovens. Importante ressaltar que para cada época e cada geração temos discursos diferenciados e recheados de significação. Para Gonzáles (2008) “tais discursos denotam modelos e expectativas que irão produzir formas de ser e agir a partir de interesses específicos do momento histórico, cultural e social vigente.” Cada época, cada momento histórico trazem consigo toda a diferença do trabalho a ser constituído assim como os discursos produzidos.

Gil (2012) contribui com a seguinte reflexão:

Os jovens que chegam às escolas hoje, são muito diferentes dos alunos de outros tempos. Diariamente os educadores de escolas públicas se deparam com jovens que, após dois meses de aulas,

abandonam as salas, adquirem emprego ou se casam — ingressando na vida adulta — e, com a mesma rapidez, estão novamente desempregados, voltam à escola, se separam e redescobrem a condição juvenil. (p.103)

Esta reflexão de certa forma contribui para a reflexão do nosso jovem que quer estar na escola e ao mesmo tempo não quer. Anseia por segurança e algum caminho que permita constituir um projeto, um sentido, e de outro lado se depara com a falta de sentido daquilo que a escola tem a lhe oferecer.

Foto 5 – Rua 1 – Uma história...

Descrição da imagem: Esta é a Rua 1 do bairro onde está a escola, ela tem como histórico principal ser uma das primeiras invasões que ocorreu no bairro. No início a rua na terceira quadra não tinha nenhuma estrutura de saneamento básico e houve muitos embates com a polícia. Com o passar dos anos os moradores desta rua tiveram muitas conquistas e além disto praticamente todas as crianças que residem nesta rua são hoje estudantes da escola.

Para a comunidade do bairro Mato Grande e aqueles que tiveram a oportunidade de presenciar e vivenciar a invasão e a expansão da rua 1, é de grande sentido a escolha desta imagem por parte dos jovens uma vez que grande parte deles ainda eram crianças quando tudo isso ocorreu.

Essa rua fica quase na frente da escola e tem alguns colegas que moram nesta rua, e bem no fundo tem a invasão, teve uma época que não tinha nem luz nas casas. É da nossa história. (aluno 1)

Apesar de as condições infraestruturais básicas de existência terem melhorado muito, a situação da comunidade ainda é bastante difícil. Temos como fatores complicadores desta comunidade a pobreza extrema e a desigualdade social, que Carraro (2012) convencionou chamar de “vulnerabilidade social”, que na maioria das vezes impede ou dificulta a participação social e o engajamento com questões comunitárias e políticas para estes grupos. “A busca pela sobrevivência não é compatível com o tempo livre que as atividades de participação política demandam aos cidadãos.” (p.95). Para que tenhamos uma participação ativa deste grupo de jovens precisamos romper paradigmas relativos à participação social e política dos jovens, tendo que reformular nossas concepções e práticas políticas no âmbito das comunidades. Na maioria das vezes o sentido de participação se restringe à representatividade política por ocasião dos pleitos, sem chegar a constituir uma efetiva rede de condições para que os cidadãos integrem ativamente a tomada de decisões sobre seus destinos no curso da própria vida comunitária.

É verdade esta função da invasão, mas hoje já tem muita coisa. Quando a gente começou a falar desta foto, começamos a falar do postinho que agora tá reformado pra atender a gente aqui no Mato Grande que é muito importante, mas nem sempre a gente consegue consultar. (aluno 2)

Também quando é pra discutir onde que vai o dinheiro que a gente paga quase ninguém participa. (aluno 3)

Mas a gente pode postar foto da rua reclamando e “eles” atendem muito mais rápido. É só botar no Face e todo mundo já comenta. (aluno 6)

Foto também serve pra isso. Senão manda mensagem mesmo. (aluno 10)

As tecnologias móveis de produção de imagens parecem indicadas pelos próprios jovens como alternativas, outras formas de denúncia, militância ou participação. Conforme Santos e Cypriano (2012),

O alcance dessa mudança na maneira de encarar o mundo que nos rodeia a partir da interface móvel se faz particularmente manifesto em certas “práticas do espaço” (Certeau, 1998) que são muito comuns entre os jovens que vivem permanentemente conectados, embora não seja exclusividade dessas gerações. O que ocorre é que os jovens são os principais agentes de uma forma inovadora de ocupação do território que se dá tanto pelas trocas de SMS na definição dos locais pelos quais “circula-se permanentemente” (Mendes de Almeida & Tracy, 2003:40), como também pelo compartilhamento nas redes sociais de dados geo-referenciados e de “dicas” que promovem “práticas estranhas ao espaço ‘geométrico’ ou ‘geográfico’” (Certeau, 1998:172) que até recentemente ofereciam os navegadores privilegiados das trajetórias pelo território.

Para Matos (2010) “entram em cena grupos culturais-comunitários” que tem sua origem em bairros periféricos e aglomerados dos “grandes centros urbanos que expressam, nas suas práticas culturais, demandas por igualdade social e visibilizam as situações de escassez em que vivem.” (p. 133). A comunicação juvenil, nesses casos, por meio das tecnologias móveis, acaba por fomentar outras formas de participação e de busca de reconhecimento cultural.

O contexto em que a escola está inserida e as imagens recolhidas pelos alunos acabaram contribuindo para discussões pertinentes ao dia a dia de cada um destes jovens, tornando-se claros disparadores de práticas comunicativas que colocam em cena aquilo que geralmente passa ao largo da reflexão.

Uma outra dimensão a ser destacada é o sentido da autoria coletiva assumida pelo grupo, quando se tratou de eleger imagens feitas pelos colegas.

Foi uma colega do nosso grupo que tirou a foto, daí ela falou da vez que tiveram que levar ela pro postinho que ela tava passando mal aqui na escola. (aluno 3)

Ele tirou a foto, mas agora é de todo mundo do grupo. Porque a rua é todos. Podia ser a foto de qualquer um... (aluno 4)

Quando o grupo de certa maneira assume a autoria da imagem, assume junto as questões da produção de discursos e pautas produzidas pelas

indagações do grupo. Para Pinto (2012) esta concepção pode implicar em “entender como o jovem está inserido no meio social, a partir do qual constrói determinados modos de ser jovem e de que forma exprime as suas especificidades” em suas pautas juvenis. No grupo há espaço para ser singular e coletivo, simultaneamente. E é neste sentido que o dispositivo fotográfico e a construção coletiva das pautas parece ter contribuído. Emergiram das Rodas elementos que foram assumidos como “nossos”, diminuindo a importância da autoria individual e reforçando-se a implicação do grupo com o “testemunho” da realidade que é de todos.

Com base na leitura das imagens fotográficas capturadas pelos grupos, segundo Silva e Freitas (2009) “podemos resgatar a memória e a história”, constituindo e elaborando um diálogo que permeia o olhar do outro e além disto possibilita a conhecimento da realidade por ele exposto. Trabalhar com a memória fotográfica de cada um dos envolvidos é ter a oportunidade de compartilhar e ressignificar as imagens por cada um observadas e até mesmo criar novos significados, conforme o momento histórico que está sendo composto.

Foto 6 – Cachorro – Alguma “coisa” no olhar



Descrição da imagem: Esse cachorro, de certa forma, faz parte da família de dois irmãos que integraram o grupo. O animal já é morto, mas continua fazendo parte da história da comunidade. A foto foi recuperada por um dos irmãos.

O processo de mutação e entendimento de uma imagem é um processo de afecção por todos os aspectos que envolvem e perpassam o que nossos olhos podem perceber. Um pouco do que vai além dos nossos olhos pode ser expresso pela fala do nosso primeiro jovem:

A gente acabou escolhendo a foto, por tudo o que a colega falou que esse bicho era pra ela companheiro, tava sempre junto. (aluno 1)

Essa foto nos pegou, porque olha o olhar dele. Parece que quer falar. (aluno 4)

Das imagens-pautas selecionadas, esta é a primeira que registra um olhar. Enquanto as demais imagens pareciam interpelar por “*studium*”, nesta imagem algo “salta aos olhos”. Talvez se trate daquilo que Barthes (1984) nomeia como “*punctum*”. “Na fotografia um detalhe conquista toda minha leitura; trata-se de uma mutação viva de meu interesse, de uma fulguração.

Pela marca de uma coisa, a foto não é mais qualquer. Essa alguma coisa deu um estalo, provocou em mim um pequeno abalo, um satori, a passagem de um vazio”. (Roland Barthes, 2002, p.77)

Enquanto as imagens anteriores provocaram predominantemente “leituras” mais conscientes e racionais de realidade, a fotografia do cachorro interpela a percepção de outro modo. Algo sensível parece “tocar” o grupo e potencializar uma experiência estética, um deslocamento.

A gente viajou muito na foto do cachoro. (aluno 1)

Foi o momento mais legal. Teve gente que quase chorou. (aluno 8)

Quando nos referimos a uma experiência estética, estamos nos reportando à potência que as fotografias podem ter de produzir abalos nas maneiras convencionais de perceber e sentir. Trata-se de “uma agitação interior, uma festa, um trabalho também, a pressão do indizível que quer se dizer.” (BARTHES, 1984, p.35). Esse “abalo” das formas convencionais, neste caso a relação com a fotografia, ou com a imagem de um cachorro vira-lata – tão comum nas periferias urbanas – não garante por si só uma aprendizagem ética ou estética, mas cria condições de possibilidade para que isso ocorra de modo singular com alguns dos que partilham do acontecimento.

Isso porque, conforme Larrosa Bondía (2002),

o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). Por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria. (p.27)

Quando o grupo pode expressar-se através da fala atribuindo sentidos à imagem, compartilha juntamente com a fala e a discussão dos sentidos, a

experiência de “olhar junto”, de convergir, de associar-se para a ação, de construir coletivamente.

No sentido que lhe atribui Matos (2010), trabalhamos com o “olhar analítico” e este vem sendo exercitado a cada imagem e fala de nossos jovens à medida que temos as interações comunicativas com os respectivos grupos de trabalho, conforme vamos percebendo a fala de cada um deles, seus tensionamentos e reflexões. Temos a oportunidade de exercício deste olhar que vai além da fala e da imagem. Trata-se de olhar para o próprio olhar, para os modos de ver, e com isso vão-se construindo as pautas, que não são apenas “temas” que interessam aos jovens, mas “acontecimentos” que emergem da experimentação dos próprios sentidos e afetos.

Bom o nosso grupo tava falando de tudo isso também e mais uma coisa que a colega também teve um cachorro que morreu e que deu maior vontade de chorar também por causa da história e do tempo que ele viveu com a família e que ela não sabia que os dois (os donos do cachorro) eram irmãos. (aluno 2)

Mas daí a gente falou até sobre morte e tudo mais. Morte de gente também. (aluno 3)

Para que tenhamos a efervescência dos sentidos naturalmente precisamos ter a experiência de vivenciá-los na prática, que é sempre encontro com o outro. Para que nossos jovens tenham a possibilidade de experimentação estes precisam encontrar condições de acolhida de suas pautas sensíveis. Isso certamente não pode se dar apenas por uma formulação curricular estática, na forma de conteúdos ou metas a alcançar. Estamos falando de uma espécie de currículo emergente da experiência e não dos conhecimentos como foram pensados pela ciência Moderna.

A ciência moderna, a que se inicia em Bacon e alcança sua formulação mais elaborada em Descartes, desconfia da experiência. E trata de convertê-la em um elemento do método, isto é, do caminho seguro da ciência. A experiência já não é o meio desse saber que forma e transforma a vida dos homens em sua singularidade, mas o método da ciência objetiva, da ciência que se dá como tarefa a apropriação e o domínio do mundo. Aparece assim a ideia de uma ciência experimental. Mas aí a experiência converteu-se em experimento, isto é, em uma etapa no caminho seguro e previsível da ciência. A experiência já não é o que nos acontece e o modo como lhe atribuímos ou não um sentido, mas o modo como o mundo nos mostra sua cara legível, a série de regularidades a partir das quais

podemos conhecer a verdade do que são as coisas e dominá-las.
(LARROSA BONDÍA, 2002, p.28)

Para Guimarães e Duarte (2011) “qualquer processo de aprendizagem supõe uma seleta esfera de significados, valores e práticas, de acordo com o que se considera como necessário aprender na dinâmica das relações de forças de uma sociedade.” (p.145). E isso não implica apenas a ação do professor como organizador e selecionador de conhecimentos a priori, mas sua condição de mediador e facilitador do processo de experimentação dos próprios educandos, num jogo que exige competência técnica, domínio dos conteúdos e habilidades metodológicas mas, antes de tudo, sensibilidade.

Todos nós temos um ou até mais cachorros, é muito triste quando um deles morre e se a gente vê ele morto é muito pior ainda, porque eles são nossos amigos. Quando a cadela dá cria eu não gosto de dar os filhotes, mas a minha mãe sempre dá um jeito e vai dando. (aluno 3)

Quando a gente vê aí a gente sente aquilo muito mais forte do que quando não vê. Mas tem também gente que vê mas parece que nem tá vendo, não sente. (aluno 6)

Os jovens começam a colocar em questão as potências do próprio “ver”, colocam em questão o sentido, numa clara expressão daquilo que esperamos produzir com as Rodas: uma desnaturalização do olhar, por meio das próprias fotografias digitais, que em outras circunstâncias são veículo de produção de invisibilidades e lixo eletrônico.

Foto 7 – Rua Wenceslau Braz – O muro e seus significados

Descrição da imagem: Esta é a rua Wenceslau Braz a escola está localizada à direita conforme a imagem. Além desta localização é importante salientar que a primeira entrada da escola desde sua inauguração no dia 01/03/1962. Este muro lateral possui uma significação para toda a comunidade escolar, em especial para os jovens e seus professores. Para ambos o estar dentro ou fora é uma questão instigante.

Partindo para análise desta imagem temos dois fatores chave, sendo que um deles já foi abordado – o portão – e outro que ao longo do trabalho também já foi mencionado – os muros escolares.

Essa é a rua aqui do lado da escola, sempre na hora do recreio tem gente que fica em cima do muro ou atrás do portão para conversar com a gente, mas sempre tem professor que pede pra descer ou sair.
(aluno 1)

O dialogo é de suma importância dentro e fora da escola, o “jogar” conversa fora no muro ou no portão da escola pode contribuir para a aprendizagem coletiva dos jovens e reconhecimento dos integrantes do grupo social, além de tratarem no bate-papo de seus desejos, suas ambições, seus gostos. Para Dayrell, Gomes, Leão (2010) “a escola, sozinha, apresenta dificuldades para construir e reconstruir espaços significativos de participação.” (p.250) A escola precisa lutar diariamente com tudo o que a envolve e se vê, na maioria das vezes, compelida a erguer muros e fechar portões, numa tentativa quase sempre fracassada de separar o mundo da escola e o mundo da vida dos jovens.

Temos dentro deste processo de reconhecimento e auto reconhecimento dos jovens um processo bastante grande de articulação e pertencimento de identidade nos grupos socialmente reconhecidos. Segundo Carraro (2012) os jovens tem uma certa tendência a se engajar mais em causas do que em instituições. Para tanto as causas e as questões discutidas na escola em grande parte tem uma aceitação e um trabalho bastante grande por parte dos jovens, e é nestes espaços onde ocorrem o diálogo, dentro e fora da escola, que temos a constituição das pautas juvenis.

Olha nessa rua tem muita coisa boa, quando acontecem os passeios durante o ano letivo, os ônibus ficam ali, quando tem saída todo mundo junto a gente sai por este portão que é muito bala, podemos trocar ideia e fazer muita bagunça com a galera. (aluno 2)

É curioso e significativo notar que os jovens valorizam fortemente os espaços de sociabilidade informal, em geral constituídos pelo “antes” ou “depois” das obrigações formais estabelecidas pela instituição. É nestes espaços de sociabilidade informal que se constroem vínculos de confiança, cada vez mais escassos na constituição das existências desses jovens e, em grande medida, os laços que realmente os vinculam aos outros e dão sentido ao continuar “vindo à escola”, mesmo que seja para ficar do lado de fora ou “pendurado no muro”. Richard Sennett (2009, p.24) afirma com muita propriedade que:

A confiança pode, claro, ser uma questão puramente formal, como quando as pessoas concordam numa transação comercial ou

dependem de que as outras observem as regras de um jogo. Mas em geral as experiências mais profundas de confiança são mais informais, como quando as pessoas aprendem em quem podem confiar ou com quem podem contar ao receberem uma tarefa difícil ou impossível. Esses laços sociais levam tempo para surgir, enraizando-se devagar nas fendas e brechas das instituições.

O muro fotografado, testemunhado coletivamente e debatido vai ganhando outros sentidos e as possibilidades de pensar acerca dos próprios modos de existir vão despontando e constituindo um currículo vivo, emergente da prática, do encontro, das sensibilidades. Concordamos com Silva e Freitas (2009) quando afirmam que “colocando em foco as múltiplas formas de ver e de ser visto, o ato fotográfico desponta como mais um caminho de problematização da vida, que nos permite, através da mediação técnica da câmara fotográfica, registrar, decifrar, ressignificar e recriar o mundo e a nós mesmos.” (p.8) Trabalhar com o mundo das imagens é abrir-se para o imaginário dos nossos jovens e compreendendo-os poderemos chegar mais perto, na tentativa de fazer uma escola que lhes faça sentido na vida, para além das urgências do mundo do trabalho e da sobrevivência. Santos e Cypriano (2012) afirmam, defendendo a importância dos espaços de sociabilidade:

o momento de transição da juventude outra coisa não faz que acentuar a importância desse processo. No caso dos jovens, toda apropriação de si é concomitante com uma intensa expropriação do outro, daí a peculiar importância dos amigos no processo: a produção da identidade não ocorre sem a circulação do outro no próprio âmago da identidade. E assim, a dinâmica de apropriação de si dos jovens não pode prescindir da ação do outro como um enclave dentro da própria identidade. (p.15)

Além disso, pensar o modo como se posicionam arquitetonicamente as escolas no espaço das cidades, geralmente fechadas em torno de seus altos muros, implica enfrentar a história da própria instituição que carrega como marca as práticas de disciplinarização do olhar, marcando não somente os currículos e as práticas pedagógicas, mas também a organização dos tempos e espaços. O muro em questão data do princípio dos anos 60, e carrega inevitavelmente as marcas de um modelo escolar fortemente disciplinar e na maior parte das vezes autoritário e elitista, onde a clara demarcação do “dentro” e do “fora” supostamente garantia um diferencial de status e de

autoridade institucional. Por sorte, a passagem do tempo e dos acontecimentos da história fez o muro já não ser tão intransponível quanto antes. E nesse sentido, a irreverência e a atitude desafiadora de nossos jovens muito tem contribuído, para nos ajudar a “pular muros” e nos obriga a ver o que antes estava apenas “do lado de lá”.

Foto 8 – Guitarra – Uma nota, um sonho



Descrição da imagem: Esta é a guitarra de uma das jovens que participou da pesquisa. A fotografia foi feita na sua residência. Nesta imagem podemos perceber, ou presumir, a simplicidade da casa de madeira e ao mesmo tempo a grandiosidade de um sonho juvenil.

As diferentes linguagens artísticas fazem parte do mundo juvenil de modo mundo significativo. Seja através da música, do teatro, da dança ou das artes visuais, os jovens encontram nelas veículos de manifestação, contestação, luta, alegria, e sobretudo de projeção de seus sonhos e expectativas. O diálogo e interação com elas podem dar uma maior visibilidade a esse elemento.

Curiosamente a fotografia nos trouxe a música. E é inegável que ela, a música, é uma das presenças mais constantes nas rotinas das culturas juvenis.

A atividade de ouvir música ocupa um lugar central na vida de jovens. Motivados e embalados pelas tecnologias a música os acompanha por toda parte. O desenvolvimento de aparelhos portáteis de ouvir música e suas conexões a redes de computadores, aumentou consideravelmente não só o espectro de atividades musicais possíveis como também ampliou os gêneros, programas e dimensões que cada mídia pode oferecer. Assim, cada vez mais os jovens garimpam suas músicas preferidas dentre os programas de rádio, TV e sites disponíveis para se ouvir música. E com a programação cada vez mais fragmentada das mídias acabam desenvolvendo os mais diversos estilos de fruição musical. (p.47)

No entanto, a ampla possibilidade de consumir música no ciberespaço, onde podemos encontrar “tudo”, parece não ter enterrado completamente o gosto pela produção ou engajamento direto com os instrumentos.

Quando votamos nesta imagem a gente conversou sobre as bandas de metálica que gostamos como Escape The Fate, Dream Theater e mais outras. (aluno 1)

Todo mundo já quis ser um deles. E dá pra baixar tudo na internet. (aluno 4)

A produção do som e as composições de algumas bandas podem contribuir para a tentativa de uma melhor compreensão do universo juvenil e abre para possibilidades de produção cultural, além do consumo de conteúdos já disponíveis na web. Para Schwertner e Fischer (2012) podemos perceber uma nova definição das “identidades modernas, caracterizadas anteriormente como territoriais e monolinguísticas, sendo redefinidas atualmente como transterritoriais e multilinguísticas.” (p. 405) Os jovens “ouvem de tudo”, mas também elegem seus artistas, gêneros e peças preferidas, estabelecendo com eles mais que uma mera relação de consumo a partir da indústria cultural. Muitas vezes a identificação com os ritmos e os artistas estão fortemente ligadas à busca por reconhecimento social, que mediante uma boa mediação e ampliação do repertório de possibilidades, pode ultrapassar em muito a adesão irrefletida aos *hits* do momento, que celebram a ostentação e o luxo, inalcançáveis pela maioria. Novamente entra aqui o papel do educador como mediador, aquele que auxilia na criação de um percurso próprio, uma navegação singular no grande mar das possibilidades virtuais.

Todo este processo de comunicação entre os grupos juvenis com seus ídolos e a sociedade é uma constante do processo de interação que está

diretamente implicado na constituição dos modos de ser jovem e precisa de mediação, como forma de favorecer a construção do gosto próprio, do estilo, da singularidade.

Nós também falamos de música e de outros sons como Hollywood Rose e outros de música pesada. (aluno 2)

Bah, música todo mundo fala. É o assunto que a gente mais fala. (aluno 7)

Mas tem gente que só ouve lixo porque não conhece outra coisa, sôra. (aluno 6)

Quando temos a oportunidade de traçar um pequena linha do tempo e realizar uma comparação entre gerações, fica visível que alguns destes grupos e bandas acabam passando por varias gerações de jovens, as letras podem ser alteradas em alguns momentos mas elementos básicos permanecem. Este vocabulário próprio de cada geração evidencia a criatividade cultural que marca a singularidade de cada tempo, mas ao mesmo tempo revela o caráter universal da arte como campo de expressão e experimentação da subjetividade. Para Rosa (2011) a troca de informações pode ser um dos pontos de partida para identificar as semelhanças e os gostos assim como as questões de estilo musical e estilos de viver.

Assim, sintonizamos com o pensamento de Brandão e Duarte (2004, p.128), ao afirmarem que

[...] se o quadro é de incertezas e crises no campo social, político e econômico, o mesmo não podemos dizer na área cultural, pelo menos para a música jovem, pois o crescimento e a concretização de um mercado para a juventude faz do rock um dos principais meios de expressão e análise em relação pela situação por que passa o Brasil.

Isso é atestado pelos jovens de maneira clara ao afirmarem:

Concordamos com tudo que eles falaram e também faltou o som da Slasher. (aluno 3)

Na música a gente pode chamar a atenção do que tá errado. A música muda o que a gente pensa. (aluno 5)

Eu gosto é do rock. Meus tios ouviam e também fiquei por dentro ouvindo com eles. Funk não dá mais pra aturar. Até quem gostava já tá cansando. (aluno 10)

Reafirmamos o papel desempenhado pelo educador na condição de mediador e facilitador, não do acesso – que já é extremamente facilitado – mas da construção de percursos singulares, na experimentação dos modos menos convencionais de relacionar-se com os sons e constituir-se com eles. Isso significa “não apenas praticar atos seletivos dentro de um acervo de ofertas (“baixe milhões de músicas”), mas também o enriquecimento dos universos de vida musical através de esboços musicais próprios, e com isso navegar de uma outra forma na pluralidade de realidades musicais.” (BRANDÃO e DUARTE, 2004, p.58)

Foto 9 – Uma flor – sobreviver no deserto



Descrição da imagem: Esta imagem foi feita na frente da escola, na tela do Posto de Saúde. A flor retratada é um hibisco vermelho.

A linguagem fotográfica pode trazer um diferente olhar para cada imagem registrada, uma diferente interpretação e portanto uma multiplicidade de sentidos.

Essa função de flor é bem coisa de menina, mas é importante falar do meio ambiente e dessas coisas na escola, que precisamos cuidar principalmente da nossa escola e a foto ficou ótima. (aluno 1)

Flor não é coisa só de menina. O que importa é que ela pegou a flor que tava saindo pra fora da cerca. Ficou bonito. (aluno 4)

Pinto (2012) diz que “entender toda a simbologia cultural dos jovens é entender as suas formas de ver o mundo”, todos os sentimentos que acabam emergindo do trabalho e dos sonhos de nossos jovens. O cuidado com o espaço educativo precisa estar presente em todas as atividades cotidianas deste espaço, mas especialmente numa forma particular de sensibilidade e empatia, com vistas a tentar compreender o universo do outro e seus sentidos.

Apesar da convenção de gênero expressa no primeiro fragmento acima citado atribuindo apenas às meninas o interesse por flores e a tematização da questão ambiental – o que constitui o *studium* da foto – chama mais atenção o argumento referente à escolha de flor por relação à transgressão do limite demarcado pela cerca de arame. A flor “escapou” da cerca e se ofereceu ao olhar da “fotógrafa”. O que sobressai é o fato de “estar para fora”, de ter escapado, de destacar-se em relação às folhagens que seguem contidas pela cerca. Da própria Roda emerge outro sentido possível:

A flor tava pra fora! Por isso chamou a tenção dela, não foi? (aluno 6)

Trata-se do *punctum*, aquilo que é da ordem sensível, e que não se pode facilmente nomear ou definir. Não se trata exatamente da “intenção” do fotógrafo ou do espectador, mas daquilo que produz efeito, que captura a percepção e a coloca em estado de abertura.

A flor como símbolo também não está muito distante daquilo que tem sido historicamente associado à juventude, as ideias de liberdade, contestação, renascimento das esperanças de renovação de uma determinada cultura.

Gonzáles (2008) aponta que:

É pensando na tradução da categoria juventude como aquilo que busca o novo de modo incessante, sendo isso o que a faz visível e valorizada, tornando-a um campo desejável de investimento para produções de subjetividade, que se procura uma possibilidade de olhar a juventude de uma forma diferente e ao mesmo tempo deslocada daquela que impõe as relações de força e de poder dos movimentos midiáticos e conformistas da sociedade. (p.479)

Prado (2012, p.16), analisando e problematizando os significados atribuídos pelos artistas do rock dos anos 80 à *flor* como símbolo na cultura juvenil afirma que:

o símbolo expresso, criado e representado pelo rock dos anos 80 apresentou facetas múltiplas, concomitantes, voláteis e circulares: flores que representaram amor e desamor, aproximação e afastamento, música e rock, vida e morte, alegria e tristeza, verdades e mentiras, delírios e suicídios, artistas e fãs, renascimento e nascimento. Em suma, o rock desse período foi “coberto por inúmeras flores”, cabendo ao historiador predispor-se a enfrentar o desafio de interpretá-las

Esse campo da subjetividade tem sido explorado nas imagens produzidas e capturadas por diferentes grupos sociais. Nem sempre a captura de imagens tem uma intencionalidade e significação racional a ela associadas. Nossos modos de olhar são construídos pelas forças da própria cultura, mas sempre há possibilidades de reinvenção dos modos de perceber, e é daí que algo novo pode surgir.

Segundo Barthes (1984, p.13) “a fotografia reproduz ao infinito o que ocorreu somente uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente.” De certa maneira, a fotografia da flor está associada ao sentido da duração. O poder guardar a singularidade de um instante, de um episódio irrepitível que se quer guardar na memória. Nas Rodas de Conversa os jovens ensaiam outros modos de guardar, que não apenas aqueles associados ao consumo, ao “levar consigo”, ao extrair ou extorquir aquilo que lhe interessa.

Ainda bem que ela bateu a foto antes que alguém arrancasse. As gurias sempre arrancam quando as flores estão pro lado de fora.
(aluno 6)

Outra boa associação à imagem está no sentido daquilo que vence os obstáculos e passa existir apesar das improbabilidades. Uma flor que brota no deserto ou do asfalto, por exemplo, existindo apesar de todas as condições contrárias. Essa talvez seja uma boa imagem para seguir pensando e produzindo sentidos com a “jovem flor que pulou a cerca”, teimando em existir do lado de lá. Para além das significações convencionais, ou do *studium* fotográfico que nos levaria a interpretá-la sob a ótica das problemáticas culturais, de gênero, ou mesmo ambientais, a imagem parece sugerir sentidos que estão ligados à ultrapassagem das fronteiras, figura também bastante presente nas imagens anteriores, muros e portões, por exemplo.

Foto 10 – Grupo das meninas – a foto e o espelho



Descrição da imagem: A imagem das meninas foi feita no banheiro feminino da escola, todas em frente ao espelho.

A mais pura descontração!?! Dispositivos para captar as imagens e um espelho. Nesta imagem nos reencontramos com o “olhar”. Desta vez o olhar que olha o próprio olhar, que tenta fixar uma imagem, uma forma de ser visto, de apresentar-se, de aparecer para o olhar do outro.

Temos várias destas fotos do banheiro e outras na frente do espelho. É muito bala, todo mundo junto. (aluno 1)

A gente faz até ficar show! (aluno 4)

A fotografia digital acaba permitindo a ampla reprodutibilidade da imagem e as incontáveis tentativas em busca do “resultado perfeito”. De um lado, tal possibilidade parece abrir para uma experimentação mais acessível da tecnologia, o que não implica um uso necessariamente criativo ou singular. “Assim, a tela tanto pode ser instrumento para aproximar, quanto para afastar. Tem capacidade para promover a sensação gregária do estar junto (...) partilhando relações sociais, emoções, afetos, especialmente via redes sociais da Internet. Porém, pode distanciar, na medida em que isola e protege o usuário com fones de ouvido do que se passa a seu redor.” (SIQUEIRA, 2010, p.44)

As redes sociais tem contribuído para a construção destas pautas juvenis. Além de postar a imagem em poucos segundos temos pessoas curtindo e comentando as imagens. Ver e ser visto passou a ser uma regra quase inquestionável para sentir-se existindo. Explorar estas fronteiras da imagem com a produção de sentido juvenil tem sido um grande desafio para a realização de estudos mais detalhados sobre a participação juvenil na contemporaneidade e a construção de suas identificações. Investigar as relações sociais e grupais, suas mudanças e suas indagações na temporalidade em que nossos jovens percebem os acontecimentos a sua volta, pode ser um facilitador na produção de currículos e de práticas que façam mais sentido para os jovens. Não se trata de celebrar entusiasticamente as tecnologias móveis como redentoras do caráter obsoleto de algumas práticas educativas e, de outro lado, também não se trata de fugir delas, proibi-las ou demonizá-las como se fossem as responsáveis por todos os problemas atuais.

Essa foto tá no Facebook também, todas são minhas amigas. É aqui deste grupo. Muito show ver todo mundo junto. (aluno 2)

Sabe a *self*?⁵ Uma self do grupo, todas juntas. [risos] (aluno 3)

Em alguns momentos os grupos são construídos por jovens com a mesma idade, em outros momentos se compõem a partir dos gostos comuns, das preferências musicais ou dos estilos adotados. Enfim, novas formas de grupalidade, mas nem tão distantes assim da nossa atávica vontade de estar junto para sobreviver. A diversidade nesta etapa da vida pode ser um dos fatores deste agrupamento, de maneira singular e plural ao mesmo tempo. Estudos recentes, como de Schwertner e Fischer (2012) apostam na ideia de que precisamos reconstruir nosso olhar acerca das juventudes “de modo a pensar o jovem como protagonista, como criador e até mesmo como agente de transformação das formas de vida de que fazem parte, em diferentes ambientes sociais, econômicos e culturais.” (p.297). Na atualidade a utilização dos dispositivos móveis e das redes sociais tem contribuído para que a caminhada de nossos jovens tenham uma expansão bastante significativa reforçando valores típicos da cultura capitalista contemporânea, marcada fortemente pelo individualismo e pela competição, ora ativando formas coletivas de existência que potencializam o engajamento e a participação no espaço público.

Cada um pensou que poderia ser a foto do grupo e como foi combinado de não termos muitas destas fotos com gente e tem uma colega do nosso grupo nesta foto achamos tri bala tudo isso. (aluno 3)

Também quero dizer que as gurias são tri bala e que é muito bom conversar com elas e passar uma parte da tarde junto quando podemos, o celular é tri bom pra tirar várias fotos em qualquer lugar e assim a gente lembra e motra que a gente é um grupo! (aluno 4)

Para Silva e Freitas (2009) “As câmeras e o processo fotográfico aliado às necessidades dos participantes servem como instrumentos importantes para a construção de outras formas de expressão e comunicação a partir da linguagem visual.” (p.4) A alfabetização imagética vai acontecendo aos poucos

⁵ Referindo-se a fotos individuais, do rosto, postadas nas redes sociais como identificação do “perfil” de usuário.

assim como os processos de descobertas e construção das imagens. Esta vai sendo esculpida, pintada, moldada a cada nova experimentação do olhar.

As telas digitais, então, ajudam a reconstruir aquilo que Maffesoli chamou de “arcaísmos”: busca do encontro, de partilhar, de criar socialidades. São sempre as mais novas tecnologias que sirvam de instrumento em busca, talvez, de coisas ancestrais que a vida na metrópole urbanizada, gigantesca, desconhecida torna distantes. As múltiplas telas que agora acompanham especialmente quem vive nas grandes cidades prestam serviços, veiculam informações, mas também reforçam representações, construções, imaginários. E é justamente nesse sentido que possibilitam uma reflexão sobre o lugar que os jovens ocupam na sociedade. Reforçam aspectos de uma sociedade urbana, diversificada, fragmentada, de muitas relações efêmeras e poucas relações duradouras e mostram os jovens nesse meio. Assim, a tela se parece muito com espelho – não está fora da cultura e nem surge ao acaso. (SIQUEIRA, 2010, p.48)

A imagem do grupo de meninas em frente ao espelho parece uma boa forma de encerrar essa seção de análises. Não uma “self” ou várias delas sobrepostas e em disputa pela forma ideal ou mais desejável nos circuitos de visibilidade virtuais, e sim uma “self de grupo”, como sugere graciosamente a aluna, uma expressão da diversidade que compõe as juventudes, apesar do uniforme escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A caminhada que deu origem a este trabalho começou a ser trilhada no início do curso de mestrado. Muitos conceitos foram sendo conhecidos e apropriados, e muitas aprendizagens sendo conquistadas, porém o trabalho com os jovens e o vínculo com a comunidade escolar já existiam há mais de uma década.

As Rodas de Conversa com os jovens, a partir da experimentação com as fotografias, permitiu reconhecer aquilo que já intuíamos: os jovens tem muito mais a dizer sobre sua própria condição existencial do que costumamos supor. Pesquisar “com” os jovens e não “sobre” eles é uma estratégia bastante profícua para nos aproximarmos cada vez mais de suas culturas e linguagens, múltiplas e em constante transformação.

Tendo como base as questões acima elencadas fez-se necessária a utilização de uma “super lente”, uma espécie de óculos para que obtivéssemos um certo distanciamento do grupo de forma a realizar as análises com o rigor que elas mereciam, mas isso não nos fez estar longe dos jovens. Ao contrário, nos fez entrar em contato com eles e vivermos, também nós, uma experiência transformadora. Ao mesmo tempo, foi também preciso um olhar extremamente minucioso acerca das conversas, dos registros fotográficos e da criação e consolidação das pautas juvenis que puderam nos dar excelentes pistas dos rumos pedagógicos a serem percorridos.

O uso das tecnologias móveis digitais por parte das juventudes tem tido um considerável e acelerado aumento, especialmente na última década. Isso nos desafia a intensificar a pesquisa sobre as sociabilidades juvenis mediadas por tais tecnologias, para compreendermos efetivamente o impacto de tais transformações sobre as formas de existir e conviver dessa parcela tão importante da população brasileira, na medida em que examinamos processos cognitivos emergentes e ao mesmo tempo favorecemos experimentações com as novas tecnologias.

Gostaríamos ainda de ressaltar a felicidade em estarmos próximo da comunidade. Particpei do processo de alfabetização, há anos atrás, de praticamente todos os jovens que participaram da pesquisa e a preocupação com a formação estética e com o sentido ético e comunitário de sua formação estiveram presentes ao longo de toda essa longa caminhada.

Foi possível perceber que o investimento naquilo que temos chamado de formação ética e estética das juventudes é uma grande estratégia não apenas para interferir sobre os rumos das vidas dos jovens, mas também para recriarmos a escola, que urgentemente precisa se pensar de modo a garantir o sentido da aprendizagem da vida partilhada e da cultura como obra coletiva, sob pena de perder sua função ou reduzir-se a mera agência de treinamento para o mundo do capital.

Quando nos referimos à experiência estética, estamos chamando a atenção para outros modos de nos relacionarmos com nossos próprios sentidos, o que passa por uma nova relação com o tempo, o espaço e o próprio pensamento. E isso não é uma necessidade apenas na formação dos jovens, senão que na formação de todos nós, inclusive professores e gestores.

Conforme aponta Larrosa Bondía (2002), sintetizando a noção de experiência que aqui queremos reafirmar:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA BONDÍA, 2002, p.24)

A escola, os professores, os jovens, as famílias necessitam urgentemente de paradas no sentido de restabelecer o diálogo constante sobre todos os temas abordados: acessibilidade, mobilidade urbana, drogas, morte, natureza, saúde, música, sustentabilidade, vida comunitária, espaço escolar, mas sobretudo para problematizar os modos de ver e sentir, dos quais somos alienados, por força da desnorteante aceleração do tempo e da fragilidade dos laços sociais.

As tecnologias surgem como aliadas, desde que submetidas ao trabalho do pensamento crítico e cuidadoso, que não as celebra nem descarta, mas que problematiza, questiona, experimenta, avalia e interfere sobre seus rumos. Não precisamos nos assumir reféns de uma tecnocracia inevitável e avassaladora. A escola continua sendo o espaço humano do encontro e é justo aí que algo de inédito pode acontecer.

As juventudes têm muito a aprender entre si e na interação com outros grupos sociais. Neste processo o diálogo, a interação constante, e sobretudo a aposta em formas de sociabilidade menos institucionalizadas, onde o afeto e a alegria podem ser a tônica, parecem bons caminhos para estar com os jovens, dentro ou fora da escola, deste ou daquele lado dos muros e dos portões que há tanto tempo insistem em separar a escola do mundo da vida.

Como afirma Maria Rita Kehl (2004, p.50):

A desvalorização da experiência esvazia o sentido da vida. Não falo da experiência como argumento de autoridade... eu sei porque vivi... Sobretudo numa cultura plástica e veloz como a contemporânea, pouco podemos ensinar aos outros partindo da nossa experiência. No máximo, que a alteridade existe. Mas a experiência, assim como a memória, produz consistência subjetiva. Eu sou o que vivi. Descartado o passado, em nome de uma eterna juventude, produz-se um vazio difícil de suportar.

Para finalizar, cabe reafirmar a importância do diálogo como base ontológica da formação humana e a indissociabilidade pesquisa/formação, elementos indispensáveis para toda e qualquer mudança na educação, pela qual todos nós somos responsáveis.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Violência nas escolas**: versão resumida. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITAGORAS, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2003.

_____. **Juventude e Cultura Escolar**. [2009a] Artigo disponível em: <http://www.miriamabramovay.com/site/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=74&Itemid=>. Acesso em: 10 jul. 2013.

_____. **Os Jovens e o Pertencimento no Espaço Escolar**. [2009b] Artigo disponível em: <http://www.miriamabramovay.com/site/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=85&Itemid=>. Acesso em: 10 jul. 2013.

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; PAIS, José Machado (orgs.). **Criatividade, juventude e novos profissionais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais...** . Campinas, SP : Verus Editora, 2005.

ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Ofício de Mestre**: Imagens e autoimagens. 12ª ed. Petrópolis: Vozes. 2010.

_____. **Currículo, território em disputa**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Ensaio de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar. 2013a.

_____. **Sobre a educação e juventude**. Rio de Janeiro: Zahar. 2013b.

BERTOJA, Maria Beatriz. **DO LADO DE LÁ DOS PORTÕES - cartas e encontros. Sofrimento e hostilidade de jovens contemporâneos.**

Dissertação de Mestrado em Educação/UNILASALLE. Canoas: 2012.

BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos Culturais da Juventude.** São Paulo, Editora Moderna, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Mais Educação**, [2013]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=12372&option=com_content> Acesso em: 28 set. 2013. 38

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **PROUNI** – O programa. Brasília, [2014]. Disponível em: <http://prouniportal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=124&Itemid=140>. Acesso em: 11 fev. 2014.

BRASIL. **Relatório Nacional PISA 2012** – Resultados Brasileiros. Ministério da Educação. Brasília: MEC, OECD, Fundação Santillana. 2012. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2014/relatorio_nacional_PISA_2012_resultados_brasileiros.pdf>. Acesso em 11 fev. 2014.

CAMPOS, Ricardo. Juventude e visualidade no mundo contemporâneo: uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis. **Sociologia, problemas e práticas**, nº 63, p. 113-137, 2010.

CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro?** Das promessas às incertezas. Porto Alegre: Artmed. 2006.

CARRANO, Paulo. A participação social e política de jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes. **O Social em Questão**. Ano XV, nº 27, p. 83-100, 2012.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. Por um novo paradigma do fazer políticas – políticas de/para/com juventudes. **Revista Brasileira de Estudos de População**. v.19, n.2, p. 19-46, 2002.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

CIAVATTA, Maria e ALVES, Nilda (orgs.). **A Leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação.** São Paulo: Cortez, 2004.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação de hoje. Porto Alegre: Artmed. 2005.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

DAYRELL, Juarez; GOMES, Nilma Lino; LEÃO, Geraldo. Escola e participação juvenil: é possível esse diálogo? **Educar em Revista**. Curitiba, nº 38, p. 237-252, 2010.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 12 fev. 2013.

DUMKE, Joel Luis; RATTO, Cleber Gibbon. Juventudes, trabalho e modos de cooperação: por uma ética da hospitalidade. **Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**, Rio Grande, v.30, nº 1, p. 335-354, 2013.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. **Inovação, mudança e cultura docente**. Brasília: Liber Livro, 2006.

FARINA, Cynthia. Formação estética e estética da formação. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. (org.) **Educação e arte**: as linguagens artísticas na formação humana. Campinas, SP: Papirus Editora, v.1, pp.95-108, 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, juventude e memória cultural. **Educação e Sociedade**, v.29, nº 104. p. 667-686, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro, 2005.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. Participação juvenil e escola: os jovens fora de cena? **Última Década**, nº 37. p. 87-109, 2012.

GONZALES, Zuleika Köhler; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Discursos sobre juventude e práticas psicológicas: a produção dos modos de ser jovem. Brasil. **Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv**, v.6, nº 2. p. 463-484, 2008.

GUIMARÃES, Eloisa. Juventude(s) e periferia(s) urbanas. **Revista Brasileira de Educação**. N ° 5 e 6. 199-208.1997.

GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin; DUARTE, Aldimar Jacinto. Juventude e educação: novos processos de socialização. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 5, n. 8, p. 143-155, 2011.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: 34, 2003.

KEHL, M. R. A Juventude como Sintoma da Cultura. In: Novaes, Regina & Vannuchi, Paulo (Org.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

_____. **Fotografia & História**. 2ª ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.

LACERDA, Miriam Pires Corrêa de. **Política de “diabolização” das juventudes: educação, mídia e subjetividade**. Tese de Doutorado PPGEDU/UFRGS. Porto Alegre: 2009.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.*[online]. 2002, n.19, pp. 20-28.

LARROSA BONDÍA, J. **Literatura, experiência e formação**. In: COSTA, M.V. (org.). *Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. 3.a ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. p. 129-156.

LIBÂNIO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educativas e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2003.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér (Coord.). **Pensando e fazendo educação de qualidade**. São Paulo: Moderna, 2001.

MATOS, Daniela. Juventude urbana e periferia: práticas culturais-comunicativas e seu potencial resistente. **Fragmentos de Cultura**. Goiânia, v. 20, nº 1/2, p. 131-150, 2010.

MÉLLO, R.P.; SILVA, A.A.; LIMA, M.L.C.; DI PAOLO, A.F. **Construcionismo, Práticas Discursivas e possibilidades de pesquisa em Psicologia Social**. *Psicologia & Sociedade*; 19 (3): 26-32, 2007.

MELO, Luciana Cezário Milagres; SOUZA, Gilmaria Silva; DAYRELL, Juarez Tarcísio. Escola e juventude: uma relação possível? **Paidéia**, Belo Horizonte: ano 9, nº 12. p. 161-186, 2012.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**. nº 5 e 6. p. 05-14, 1997.

MORAIS, Regis de. **Educação Contemporânea: olhares e cenários**. Campinas: Alínea, 2003.

NAJMANOVICH, Denise. O feitiço do método. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Método Métodos Contramétodo**. São Paulo: Cortez, 2003.

PAIS, José Machado. A esperança em gerações de futuro sombrio. **Estudos Avançados**. v. 26, nº 75, p. 267-280, 2012.

_____. Jovens e Cidadania. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n.º 49, p. 53-70, 2005.

PINTO, Edmara de Castro. Tempo da Juventude ou Juventude além do tempo? In: ARAÚJO, Emília; DUQUE, Eduardo (eds.). **Os tempos sociais e o mundo contemporâneo: um debate para as ciências sociais e humanas**. Braga (Portugal): CECS. 2012. 225-238. Disponível em: < <http://www.comunicacao.uminho.pt/cecs/> > Acesso em 11 fev. 2014.

PIRES, Cláudia Luisa Zeferino; SIMÃO, Ana Regina Falkembach; POZZER, Kátia Maria Paim. Representações espaciais, juventude e periferia: Guajuviras/Canoas/RS e seus desafios urbanos. **Revista FSA**. Teresina, v. 10, nº 1, p. 118-138, 2013.

PRADO, Gustavo dos Santos. “Há flores em tudo que vejo” – A representação da flor realizada pela juventude roqueira dos anos 80. **Revista Desenredos**. Ano IV, nº 15, p. 1-17, 2012.

RATTO, Cleber Gibbon. Novas Territorialidades limites e possibilidades educativas de enfrentar o vazio na cultura da imagem. In: Cleuza Maria Sobral Dias; Lúcia Maria Vaz Peres. (Org.). **Territorialidades: imaginário, cultura e invenção de si**. 1ed. Porto Alegre; Natal; Salvador: EDIPUCRS; EDUFRN; EDUNEB, 2012, v. 1, p. 211-242.

ROSA, Hélio Camilo. Juventude e mídia: uso dos aparelhos eletrônicos móveis nas salas de aula. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26, São Paulo, 2011. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011. p. 1-8. Disponível em: < http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308191594_ARQUIVO_JUVENTUDEEMIDIAUSODOSAPARELHOSELETRONICOSMOVEISNASSALASDEAULAS1.pdf > Acesso em 11 fev. 2014.

SACRISTÁN, José Gimeno. **A educação que ainda é possível**: ensaio sobre a cultura para a educação. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SANTOS, Francisco Coelho; CYPRIANO, Cristina Petersen. As redes móveis e a cultura jovem contemporânea. In: XV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE e PRÉ-ALAS BRASIL, 2012, Teresina. **Anais**. Teresina, 2012. p. 1-18. Disponível em: < <http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT19-36.pdf> > Acesso em 11 Fev. 2014.

SCHMIDT, Sarai. Quando “ter atitude” é ser diferente para ser igual: um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 7, nº 19, p. 195-210, 2010.

SCHWERTNER, Suzana Feldens; Fischer, Rosa Maria Bueno. Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 28, nº 1, p. 395-420, 2012.

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter**: as conseqüências pessoais do trabalho no capitalismo. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Robynson Alves; FREITAS, Ricardo Oliveira de. Fotografia e sociedade: a utilização das técnicas e estéticas fotográficas como dispositivo de inclusão social. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5, 2009, Salvador. **Anais...** Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, 2009. p.1-10. Disponível em:
< <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19465.pdf>> Acesso em 11 fev. 2014.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Os jovens e suas telas pós-modernas: reflexões em torno da cidade, do imaginário e da tecnologia. **Comunicação e Sociedade**. Portugal, v. 17, p.39-50, 2010.

SOUZA, Jusamara; TORRES, Maria Cecília de Araújo. Maneiras de ouvir música: uma questão para a educação musical com jovens. **Música na educação básica**. Porto Alegre, v. 1, n. 1, outubro de 2009.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**. N º 5 e 6. 37-52.1997. Disponível em:
<http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde05_6/rbde05_6_06_marilia_pontes_sposito.pdf>. Acesso em 18 mai. 2013.

ZAGURY, Tania. **O adolescente por ele mesmo**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

WIKIPÉDIA. **Constituição Brasileira de 1988**, 2014. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Constitui%C3%A7%C3%A3o_brasileira_de_1988>. Acesso em: 11 fev. 2014.

WIKIPÉDIA. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, 2014. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto_da_Crian%C3%A7a_e_do_Adolescente> Acesso em: 11 fev. 2014.